

**UNIVERSIDADE PAULISTA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

**MÍDIA E DESIGN NA PRESERVAÇÃO DA CULTURA
REGIONAL: As bordadeiras de Entremontes, Alagoas**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Paulista – UNIP para obtenção do título de Mestre em Comunicação.

ANA PAULA SILVA MORENO

**São Paulo
2018**

**UNIVERSIDADE PAULISTA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

**MÍDIA E DESIGN NA PRESERVAÇÃO DA CULTURA
REGIONAL: As bordadeiras de Entremontes, Alagoas**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Paulista – UNIP para obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Adami

ANA PAULA SILVA MORENO

**São Paulo
2018**

Moreno, Ana Paula Silva.

Mídia e design na preservação da cultura regional : as bordadeiras de Entremontes, Alagoas / Ana Paula Silva Moreno. - 2018.

84 f. : il. color. + CD-ROM.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista, São Paulo, 2018.

Área de concentração: Cultura
Orientadora: Prof. Dr. Antonio Adami.

1. Mídia. 2. Cultura. 3. Design. I. Adami, Antonio (orientador).
II. Título.

ANA PAULA SILVA MORENO

**MÍDIA E DESIGN NA PRESERVAÇÃO DA CULTURA
REGIONAL: As bordadeiras de Entremontes, Alagoas**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Paulista – UNIP para obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

____ / ____ / ____
Orientador: Prof. Dr. Antonio Adami
Universidade Paulista - UNIP

____ / ____ / ____
Prof. Dr. Mauricio Silva
Universidade Paulista - UNIP

____ / ____ / ____
Prof.ª Dr.ª Ingrid Hötte Ambrogi
Universidade Presbiteriana Mackenzie

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu maior orgulho e companheiro:
meu filho Lorenzo. Espero que este estudo o inspire a sempre
buscar conhecimento em sua vida.

AGRADECIMENTOS

Primeiro agradecimento a Deus, por estar sempre ao meu lado.

À pesquisadora e empreendedora do IPTI (Instituto de Pesquisa, Tecnologia e Inovação), Dra. Renata Piazzalunga, coautora do projeto “Fusões e Inserções” que me inspirou a fazer este projeto, ao Fernando e Humberto Campana, com os quais tive a honra de compartilhar os últimos dez anos de vida, agradeço por permitirem que eu realizasse o Mestrado durante a jornada de trabalho.

Ao Prof. Dr. Antonio Adami por me motivar e acreditar neste projeto. A querida Profa. Dra. Ingrid Hötte Ambrogi, ao Prof. Dr. Maurício Silva, ao meu tutor John Howkins e a outros professores e profissionais que complementaram o projeto com recomendações e contribuições

Agradeço o incentivo da minha amada família e amigos queridos.

Um carinho especial às bordadeiras de Entremontes que, durante a pesquisa, me acolheram para conhecer suas histórias, famílias e sonhos.

“Everyone is Creative!”

(John Howkins)

“Como pensar a cultura nos tempos de hipercapitalismo cultural? Que mundo delineia a cultura mundo, a das marcas internacionais, a do divertimento midiático, a das redes e das telas? O que caracteriza-se de imediato a esse universo é a hipertrofia da oferta mercantil, a superabundância de informações e de imagens, a oferta excessiva de marcas, a imensa variedade de produtos alimentícios, restaurantes, festivais, que agora podem ser encontrados em toda parte do mundo, em cidades que oferecem as mesmas vitrines comerciais.”

LIPOVETSKY e SERROY, 2001, Cultura-Mundo, p. 15

RESUMO

Considerando conteúdos teóricos de Gilles Lipovetsky e Jean Serroy (2001), Peter Burke (2006), Maurice Halbwachs (2004), Nestor Garcia Canclini (2013) e Mario Vargas Llosa (2012), o tema da pesquisa abrange os estudos sobre memória, cultura, globalização e hibridismo cultural, a fim de debater se a mídia e o design podem contribuir na preservação de um patrimônio imaterial de uma cultura regional, especificamente da técnica de bordado “redendê”. A pesquisa é embasada no projeto “Fusões e Inserções”, desenvolvido pelo Instituto de Pesquisas em Tecnologia e Inovação (IPTI) em 2014, que convidou os designers Fernando e Humberto Campana a interagir com bordadeiras de Entremontes (Alagoas), as quais preservam sua técnica do bordado “redendê” centenária. A proposta de design dos irmãos Campana foi inovar o bordado “redendê” e criar uma nova funcionalidade ao produto final. Criaram, então, luminárias que chamaram de “Retratos Iluminados”, pois os rostos das próprias bordadeiras foram bordados neles. Essas luminárias foram exibidas no Rio de Janeiro durante as Olimpíadas de 2016, e em Milão durante a maior feira de móvel do mundo, *Salone dei Mobile*, em 2017. O projeto teve repercussão de mídia nacional e internacional. Através da pesquisa qualitativa realizada com as bordadeiras, constatamos que existe uma real preocupação com a preservação do patrimônio cultural imaterial do trabalho das bordadeiras de Entremontes, e o design e a mídia podem contribuir para preservar a técnica “redendê”.

Palavras-chave: Cultura. Mídia. Design. Bordadeiras de Entremontes.

ABSTRACT

Considering theoretical content from Gilles Lipovetsky e Jean Serroy (2001), Peter Burke (2006), Maurice Halbwachs (2004), Nestor Garcia Canclini (2013) and Mario Vargas Llosa (2012), the research theme involves studies about memory, culture, globalization and cultural hybridism, in order to discuss if the media and design may contribute in the preservation of an immaterial patrimony of a regional culture. The research is based on the project “Fusions and Insertions” developed by Instituto de Pesquisas em Tecnologia e Inovação (IPTI) in 2014, who invited the designers Fernando e Humberto Campana to interact with the embroiders from Entremontes (Alagoas), who preserve their centenary technique of “redendê” embroidery. The design proposal from the Campana Brothers was to innovate the embroidery technique and to create a new functionality to the final product. They created lamps which were called “Illuminated Portraits”, as the faces of the own embroiders was embroidered there. These lamps were exhibited in Rio de Janeiro during the Olympics in 2016 and in Milan during the largest furniture fair of the world, *Salone dei Mobile*, in 2017. The project was covered in national and international medias. Through a qualitative research with the embroiders, we learnt that there is a real concern with the preservation of the immaterial cultural patrimony of their work, and the design and the media may contribute to preserve the “redendê” technique.

Keywords: Cultura. Media. Design. Embroiders of Entremontes.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 1 – Luminária criada pelos irmãos Campana e bordada pelas bordadeiras de Entremontes | 18 |
| Figura 2 – Fernando e Humberto Campana segurando seus rostos bordados pelas bordadeiras de Entremontes para serem costurados nas luminárias | 18 |
| Figura 3 – Exposição “Retratos Iluminados” apresentada no Centro de Referência do Artesanato Brasileiro (CRAB), em junho de 2016 no Rio de Janeiro, Brasil..... | 19 |
| Figura 4 – Exposição “Retratos Iluminados” apresentada no Nonno Marras, em abril de 2017, em Milão, Itália | 19 |
| Figura 5 – Fragmento do mapa do Brasil a fim de ilustrar o trajeto de São Paulo a Entremontes | 23 |
| Figura 6 – Rua principal de Entremontes | 25 |
| Figura 7 – Rua principal de Entremontes | 25 |
| Figura 8 – Rua principal de Entremontes | 25 |
| Figura 9 – Bordadeiras da Associação da Casa de Bordado de Entremontes, junto ao designer Fernando Campana..... | 26 |
| Figura 10 – Bordadeiras da Associação da Casa de Bordado de Entremontes | 27 |
| Figura 11 – Processo do bordado | 28 |
| Figura 12 – Toalha de mesa produzida e comercializada pela Associação de Bordadeiras de Entremontes..... | 29 |
| Figura 13 – Matérias publicadas sobre a exposição “Retratos Iluminados” no Rio de Janeiro, capas e matérias impressas na íntegra..... | 41 |
| Figura 14 – Matérias publicadas sobre a exposição “Retratos Iluminados” no Rio de Janeiro, capas e matérias online na íntegra | 45 |
| Figura 15 – Matérias publicadas sobre a exposição “Retratos Iluminados” na Itália, capas e matérias | 53 |

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Validação de hipóteses, desenvolvido por Ana Paula Moreno 33

LISTA DE GRAFICOS

Grafico 1 – Histórico de faturamento da associação..... 35

LISTA DE TABELAS

| | |
|---|----|
| Tabela 1 – Relatório dos veículos que publicaram o projeto “Fusões e Inserções” no Brasil | 40 |
| Tabela 2 – Relatório dos veículos que publicaram o projeto “Fusões e Inserções” na Itália..... | 53 |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| INTRODUÇÃO | 14 |
| 1 PROJETO “FUSÕES E INSERÇÕES” | 17 |
| 2 AS BORDADEIRAS DE ENTREMONTES | 23 |
| 3 AS BORDADEIRAS E A MEMÓRIA | 31 |
| 3.1 Análise da pesquisa qualitativa do IPTI sobre as bordadeiras | 31 |
| 3.2 Análise do conteúdo da pesquisa de campo junto às bordadeiras | 33 |
| 4 O PAPEL DA MÍDIA NO PROJETO “FUSÕES E INSERÇÕES” | 39 |
| 4.1 A cobertura da mídia no Brasil | 40 |
| 4.1.1 Cobertura da mídia impressa | 40 |
| 4.1.2 Cobertura da mídia digital | 45 |
| 4.2 A cobertura da mídia na Itália | 53 |
| 4.3 Análise do conteúdo da mídia publicada | 55 |
| 5 CONCLUSÃO | 58 |
| REFERÊNCIAS | 60 |
| APÊNDICES | 63 |
| Apêndice A: Diário de viagem | 63 |
| Apêndice B: Transcrição das entrevistas com as bordadeiras | 66 |
| Apêndice C: Quadro resumido da entrevista com as bordadeiras | 79 |
| ANEXOS | 80 |
| Anexo 1: Apresentação dos designers | 80 |
| Anexo 2: Press release do projeto “Fusões e Inserções” | 81 |

INTRODUÇÃO

A colonização multicultural do Brasil, adicionada à sua dimensão continental, apresenta uma realidade com diversos aspectos geográficos, educacionais, étnicos, socioeconômicos e culturais. Baseada nessa rica miscigenação cultural, encontramos manifestações e técnicas culturais ainda pouco influenciadas pela globalização e ameaçadas de desaparecimento.

É relevante, portanto, debater essa influência global junto ao meio acadêmico, com o propósito de questionar como a mídia e a inovação, por meio do design, podem impulsionar e conscientizar a importância em preservar o patrimônio imaterial da cultura local, com ou sem alterar conhecimentos centenários quando a cultura está se homogeneizando.

Esta dissertação aborda a preocupação com a preservação cultural de importantes pensadores como Morin (2003), antropólogo, sociólogo e filósofo francês; Burke (2006), historiador inglês, professor especialista em assuntos da atualidade que enfatiza a relevância de aspectos socioculturais que se preocupam com a crescente globalização de nossa era e a consequente homogeneização cultural, questionando como se dará a sobrevivência de culturas independentes; Lipovetsky (2011), filósofo francês, teórico da Hipermordernidade; Serroy (2011), professor e autor de vários livros que afirmam que quanto mais o mundo se globaliza, mais particularismos culturais são relevantes e necessários que sejam considerados; bem como sob o olhar de Barbero (2003), semiólogo, antropólogo e filósofo colombiano, em sua obra “Globalização comunicacional e transformação cultural”, e sob os pensamentos de Canclini (2013), antropólogo argentino contemporâneo que tem como foco de seu trabalho a pós-modernidade e a cultura a partir de ponto de vista latino-americano, sobre “Culturas Híbridas”, que denomina que o popular é a arte popular que é excluída e assim não consegue que seu patrimônio seja reconhecido com o devido valor e nem a participar do mercado.

Segundo Canclini (2013), a arte popular, no consumo, está constantemente no final do processo, como destinatários, espectadores obrigados a produzir o ciclo do capital e a ideologia dos dominadores. Aplicando seu pensamento ao projeto estudado “Fusões e Inserções”, este artigo problematiza como a globalização, com a sua ideologia mercantil e sua influência tecnológica, atua na preservação cultural

das bordadeiras de Entremontes (AL), a qual preserva o bordado “redendê” há dois séculos.

No mundo do hipercapitalismo (BURKE, 2006) em que vivemos, tudo se torna um bem comercial. Acrescentando a esse pensamento de Burke, Llosa (2012), escritor, jornalista e político peruano, laureado com o Nobel da Literatura em 2010, em nossa sociedade pós-moderna, a cultura passa a ser considerada produto de consumo, cuja sobrevivência depende de seu apelo mercantil. No caso da comunidade de Entremontes, analisamos se a técnica centenária de bordado, aplicada em um produto com design assinada pelos renomados irmãos Campana que seguem conceitos estéticos contemporâneos, foi mais valorizada especificamente pela mídia.

O capítulo 1 tem o objetivo de descrever detalhadamente do que se trata o objeto de estudo, o projeto “Fusões e Inserções”, caracterizar os parceiros envolvidos e seus respectivos papéis. Além disso, mostramos o seu histórico, do momento em que foi criado até sua execução, a fim de fornecer elementos analíticos para esta dissertação.

O capítulo 2 foca nas bordadeiras de Entremontes, onde elas estão situadas e como estão distantes do mundo globalizado em que vivemos. Baseado na pesquisa qualitativa realizada pelo IPTI e em nossa pesquisa qualitativa, contamos o que é o bordado “redendê”, como se formou a Associação da Casa do Bordado e quem são as bordadeiras, a partir de algumas histórias de vida.

No capítulo 3, entramos na questão da memória das bordadeiras. Apresentamos uma análise detalhada das pesquisas e deixamos trechos das entrevistas realizadas com as bordadeiras, relacionando este conteúdo a um embasamento teórico.

O capítulo 4 traz a questão do papel da mídia no projeto “Fusões e Inserções”. Mostramos como esta apresentou e avaliou o projeto, tanto no Brasil como na Itália.

Do ponto de vista de contribuição teórica e de relevância científica e social desta pesquisa, propomos uma nova lente de observação do fenômeno cultural pela mídia e pelo design. A intenção é que, embasada nos pensamentos dos autores citados acima, a pesquisa esclareça hipóteses levantadas ao estudo de campo realizado com as bordadeiras de Entremontes sobre a contribuição do design e da

mídia na preservação de um patrimônio cultural imaterial de uma cultura regional, especificamente quanto às técnicas manuais utilizadas em seu artesanato.

1 PROJETO “FUSÕES E INSERÇÕES”

O projeto foi um trabalho de conhecimento científico e tecnológico, realizado em parceria entre o Instituto de Pesquisa, Tecnologia e Inovação (IPTI), o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) e os designers Fernando e Humberto Campana, para a construção de um modelo de integração coordenado e sustentável entre o design contemporâneo e processos artesanais, a fim de desenvolver uma metodologia para esta interação, para que o artesão tenha chance de repensar sua linha de produtos, agregar modernidade e competitividade às técnicas artesanais, além de ampliar a rede de contatos das bordadeiras para alcançar novos mercados.

O IPTI é uma instituição de ciência, tecnologia e inovação, privada, com fins não econômicos, fundada em outubro de 2003, na cidade de São Paulo, com o objetivo de desenvolver soluções integradas entre tecnologia e processos humanos, tendo como áreas prioritárias a educação, saúde pública e economias criativas. Vencedor de diversos prêmios (Prêmio Fundação Banco do Brasil de Tecnologia Social, Prêmio FINEP de Inovação, Prêmio von Martius de Sustentabilidade, Prêmio Objeto Brasileiro categoria socioambiental, Prêmio Brasil Criativo Ministério da Cultura). Em dezembro de 2016, o IPTI iniciou diálogos com o Governo de Sergipe, com o intuito de instalar neste Estado um centro de Tecnologias Sociais, associado a uma experiência de promoção de desenvolvimento social e econômico, com base numa integração entre arte, ciência e tecnologia “The Human Project”¹. Em dezembro de 2009, o IPTI transferiu sua sede para Santa Luzia do Itanhy, município sergipano selecionado para hospedar o “The Human Project”, e em 29 de abril de 2010 o Governo de Sergipe qualificou o IPTI como Organização Social (OS) estadual (decreto 27.066).

O Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) é uma entidade privada que promove a competitividade e o desenvolvimento sustentável dos empreendimentos de micro e pequeno porte, aqueles com faturamento bruto anual de até R\$ 4,8 milhões. Em 2018, completa 46 anos atuando com foco no fortalecimento do empreendedorismo, e na aceleração do processo de formalização da economia por meio de parcerias com os setores público e privado, programas de

¹ The Human Project é uma plataforma de pesquisa americana desenvolvida por recursos públicos a fim de resolver desafios atuais entre biologia, comportamento, meio ambiente.

capacitação, acesso ao crédito e à inovação, estímulo ao associativismo e realização de feiras e rodadas de negócios. As soluções desenvolvidas pelo Sebrae atendem desde o empreendedor que pretende abrir seu primeiro negócio, até pequenas empresas que já estão consolidadas e buscam um novo posicionamento no mercado.

Os designers escolhidos pelo IPTI para a interação entre design e artesanato foram os irmãos Campana. A escolha dos designers brasileiros se deu por possuírem um papel de destaque no design contemporâneo mundial e serem reconhecidos por diversos prêmios ao longo de toda a carreira. Alguns dos mais importantes são: Ordem ao Mérito de Artes e Letras, França (2013); Ordem ao Mérito da Cultura, Brasil (2012); Designers do Ano na *Beijing Design Week*, China (2012); Prêmio Comitê Colbert, França (2012).

A criação da união entre a rica técnica de bordado das bordadeiras de Entremontes e a inovação dos irmãos Campana resultou no design de luminárias com os rostos das próprias bordadeiras bordados em sua homenagem. A coleção ficou chamada como “Retratos Iluminados”.

Figura 1 – Luminária criada pelos irmãos Campana e bordada pelas bordadeiras de Entremontes



Fonte: Acervo privado do Estúdio Campana

Figura 2 – Fernando e Humberto Campana segurando seus rostos bordados pelas bordadeiras de Entremontes para serem costurados nas luminárias



Fonte: Acervo privado do Estúdio Campana.

Foram produzidas 42 luminárias e estas foram apresentadas na exposição “Retratos Iluminados”, no Centro Referência do Artesanato Brasileiro (CRAB), no Rio de Janeiro, de 1 de junho a 1 de setembro de 2016, durante as Olimpíadas.

Figura 3 – Exposição “Retratos Iluminados” apresentada no Centro de Referência do Artesanato Brasileiro (CRAB), em junho de 2016 no Rio de Janeiro, Brasil



Fonte: Acervo privado do Estúdio Campana.

Esta exposição teve repercussão na mídia nacional e internacional, e os designers foram então convidados para levá-la à Milão, em abril de 2017, quando ocorre o maior evento de design do mundo, o Salão do Móvel. A exposição passou na loja conceitual de um dos estilistas mais influentes de Milão, Antonio Marras.

Figura 4 – Exposição “Retratos Iluminados” apresentada no Nonno Marras, em abril de 2017, em Milão, Itália



Fonte: Acervo privado do Estúdio Campana.

Esse movimento da apresentação internacional do trabalho das bordadeiras, de um produto regional, é um fenômeno da nossa contemporaneidade e suas implicações estão sendo estudadas por diversos pensadores que se preocupam em como isso afetará a cultura.

Preocupa-se com o destino das culturas do mundo em nossa era de crescente globalização, escolhendo exemplos do passado, para tecer comentários sobre possíveis futuros. Em outras palavras, todas as tradições culturais hoje estão em contato mais ou menos direto com contradições alternativas (BURKE, 2006, p. 101).

Burke (2006) aborda o fenômeno da globalização como movimentações de diglossia cultural, definido pela combinação entre cultura global e local. No projeto “Fusões e Inserções”, o hibridismo entre a cultura regional das bordadeiras de Entremontes e o design internacional dos irmãos Campana serve exatamente como exemplo para o conceito de acomodação e negociação cultural, quando não implica na modificação completa da cultura, nem sugere uma mistura cultural deliberada.

A diglossomia cultural é uma combinação de cultura global com culturas locais. A homogeneização, a fusão de diferentes culturas, a consequência da globalização que muitos hoje tanto preveem como temem (BURKE, 2006, p. 103).

Considerando pensamento de Gilles e Lipovetsky (2011) sobre a cultura-mundo, entende-se o questionamento deste fenômeno de nossa sociedade e a homogeneização.

Se é preciso falar de cultura-mundo, é também porque a sociedade de mercado, ou hipercapitalismo e de consumo que a concretiza, simultaneamente um capitalismo cultural com crescimento exponencial, o das mídias, do audiovisual, do webmundo. A cultura-mundo designa a era da formidável ampliação do universo da comunicação, da informação, da midiatisação (LIPOVETSKY; SERROY, 2011, p. 10).

De acordo com Canclini (2013), a maioria dos artesãos produz para sua sobrevivência, sem buscar renovar as formas existentes ou sua significação. Por isso, a interação do design na técnica de bordado foi interessante e aumentou o valor agregado do trabalho das bordadeiras de Entremontes.

Alinhando o pensamento de adequação do artesanato a um produto de design, com outra significação, Llosa (2013) em seu livro “A civilização do espetáculo” afirma que, em nossa sociedade pós-modernista, obras artísticas passaram a ser consideradas produtos de consumo, cuja sobrevivência depende de seu apelo comercial de mercado. E, novamente, no caso da comunidade de Entremontes, a técnica centenária do bordado “redendê” não é valorizada por não trazer uma estética de design, valor imprescindível para hoje se competir no mercado. Obviamente pressupondo apenas o mercado, mas claro que não se trata de uma cultura centenária apenas por esse foco.

O que quer dizer civilização do espetáculo? É a civilização de um mundo onde o primeiro lugar da tabela de valores vigente é ocupado pelo entretenimento, onde divertir-se, escapar do tédio, é a paixão universal. Esse ideal de vida é perfeitamente legítimo, sem dúvida. Só um puritano fanático poderia reprovar os membros de uma sociedade que quisessem dar descontração, relaxamento, humor e diversão a vidas geralmente enquadradas em rotinas deprimentes e às vezes imbecilizantes. Mas transformar em valor supremo essa propensão natural a divertir-se tem consequências inesperadas: banalização da cultura, generalização da frivolidade e, no campo da informação, a proliferação de jornalismo irresponsável da bisbilhotice e do escândalo (LLOSA, 2013, p. 30).

Segundo Canclini (2013), em países latino-americanos, estudos sobre artesanato mostraram uma tendência no crescimento no número de artesãos, do volume da produção e de seu peso quantitativo. Uma das principais explicações do incremento é que a deficiência da exploração agrária e o empobrecimento dos

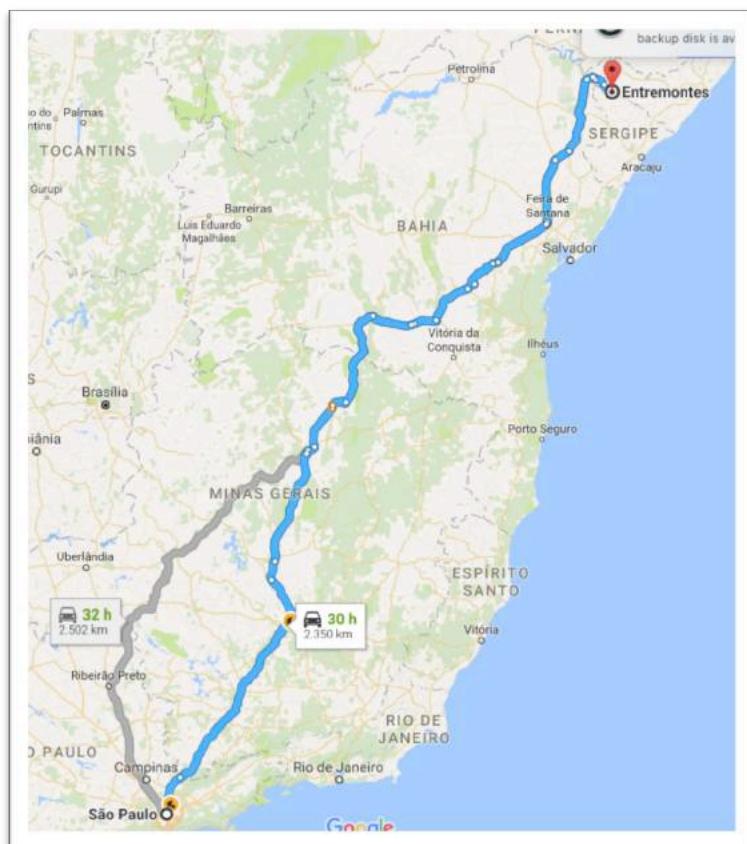
produtos do campo impulsionam os povos à venda de artesanato para aumentar sua renda (p. 216). E, para a reprodução das tradições, não é preciso se fechar à modernização, e sim deve-se trabalhar de forma complementar à economia. O autor acredita que a modernização não exige abolir as tradições, nem o destino fatal dos grupos tradicionais e, logo, ficar de fora da modernidade.

Assim, ao inovar uma técnica ao nível de design, consegue-se um valor maior, garantindo então maior motivação para se perpetuar a técnica. Barbero (2003) complementa este fenômeno chamando de experiência moderna de identidade e reconhecimento social, com o duplo movimento que os meios funcionam entre as demandas sociais e as dinâmicas culturais às lógicas do mercado (p. 64). Logo, no caso do projeto “Fusões e Inserções”, houve a estratégia de adequar a técnica de bordado centenária das bordadeiras às demandas sociais e mercantis.

2 AS BORDADEIRAS DE ENTREMONTES

Os designers escolheram trabalhar especificamente com a técnica do bordado “redendê” desenvolvido pelas bordadeiras do povoado de Entremontes (AL), que fica a beira do rio São Francisco, com 600 habitantes, a 400 km de Aracajú e 2.350 km de São Paulo, situado no meio do sertão nordestino (mapa abaixo). O povoado é patrimônio histórico nacional.

Figura 5 – Fragmento do mapa do Brasil a fim de ilustrar o trajeto de São Paulo a Entremontes



Fonte: Google Maps website, acesso dia 11 de junho de 2017.

Muitas histórias permeiam este povoado, mas o fato de ser tombado como patrimônio histórico se deu porque D. Pedro II lá pernoitou em 1859. Conta-se que o nome Entremontes se deu porque D. Pedro II, ao passar de barco pelo rio São Francisco, avistou um povoado e perguntou que lugar era aquele entre os montes. Mais tarde, em 1930, conta-se que quando Lampião chegou no povoado, os moradores amedrontados se esconderam na caatinga, então Lampião queimou alguns lugares da cidade, como o cartório e a casa onde D. Pedro II pernoitou. Entremontes foi também onde Lampião faleceu.

O bordado “redendê” não é considerado ainda patrimônio cultural imaterial pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). Segundo a Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial adotada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), em 2003, a escolha de um patrimônio cultural imaterial é composta pelas práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas, junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados, que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Apenas ilustrando, oficialmente, no Brasil temos como patrimônio imaterial cultural, o Samba de Roda no Recôncavo Baiano, a Arte Kusiwa de pintura corporal, a arte gráfica Wajápi, o Frevo do Carnaval de Recife, o Círio de Nossa Senhora de Nazaré e a Roda de Capoeira. Transmitido de geração a geração, o patrimônio cultural imaterial é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, o que gera um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana.

Nomeamos aqui algumas definições dos principais autores escolhidos para essa dissertação e o que cultura significa para eles:

A cultura é a ordenação totalizante do mundo, aparece como um conjunto de classificações que asseguram a correspondência ou a conversibilidade de todas as dimensões do universo, astronômicas e geográfica, botânicas e zoológicas, técnicas e religiosas, econômicas e sociais. As formas culturais ai se perpetuam de geração em geração, o funcionamento social prescreve a fidelidade ao que sempre foi a reprodução idêntica aos modelos recebidos dos ancestrais, as maneiras de viver e pensar, as trocas, os modos de expressão são comandados por normas coletivas que não reconhecem o princípio da iniciativa individual e cujo foco legitimador encontra-se nas potências do invisível. A força integradora da cultura é tal que ela se manifesta sem um foco interno de questionamento de seus princípios e relatos (LIPOVETSKY; SERROY, 2011, p. 12).

Cultura são todas as manifestações da vida de uma comunidade: língua, crenças, usos e costumes, indumentária, técnicas, e, em suma, tudo que nela se pratica, evita, respeita e abomina (LLOSA, 2013, p. 31).

Ao estudarmos o povoado de Entremontes, notamos que se trata de um local muito pacato, como pode ser observado nas fotografias tiradas no dia 26 de dezembro de 2016, por volta das 13 horas, horário de fluxo e movimento.

Figura 6 – Rua principal de Entremontes



Fonte: Acervo pessoal Ana Paula Moreno, dezembro de 2016.

Figura 7 – Rua principal de Entremontes



Fonte: Acervo pessoal Ana Paula Moreno, dezembro de 2016.

Figura 8 – Rua principal de Entremontes



Fonte: Acervo pessoal Ana Paula Moreno, dezembro de 2016.

Antigamente, a principal fonte de renda do povoado era a pesca, mas devido ao impacto ambiental no rio São Francisco, não há mais peixes em abundância na região. O empoderamento mudou das mãos dos homens, pescadores, para as mulheres, bordadeiras. As opções de trabalho local são muito limitadas, tendo empregos apenas nos postos da prefeitura (escola, cartório, correio, postos de saúde e como gari), ou, então, nos pequenos negócios (7 lojas de bordado, 2 padarias, 2 restaurantes pequenos e 1 pousada). Todas as mulheres na cidade bordam, umas têm o bordado exclusivamente como fonte de renda, outras complementam sua renda com vendas de seus trabalhos. As mulheres reportam que gostam de bordar, mas o motivo principal de não pararem é a falta de outras oportunidades de trabalho. Elas podem bordar tanto pela Associação das bordadeiras, como por conta própria.

Figura 9 – Bordadeiras da Associação da Casa de Bordado de Entremontes, junto ao designer Fernando Campana



Fonte: Acervo Estúdio Campana, 2016.

Quanto à técnica do bordado “redendê”, podemos relacionar o conceito de circularidade de Burke (2006), sendo uma técnica portuguesa de bordado “redendê” que chegou ao Brasil no século XVIII, se integra à cultura do povoado e se torna a principal fonte de sobrevivência da comunidade, sem sofrer alteração durante

centenas de anos, e agora, após a intervenção moderna do design, é apresentada em Milão, retornando à sua origem europeia e com uma contaminação de uma identidade brasileira, o que trouxe muito mais interesse na mídia e no mercado. O fenômeno “glocal”, segundo Prof. Antonio Adami, (“termo esse cunhado a partir da percepção da complexidade relacionada a estes processos e à construção das identidades, o qual se refere a localizar o global, sem perder o que se tem de original no contexto regional”) (INTERCOM, 2015), se apresenta especialmente marcante nessa manifestação no projeto “Fusões e Inserções”.

As bordadeiras da associação são gentis, vaidosas, bem arrumadas e vestidas dentro das suas condições. A maioria usa os cabelos presos, pouca maquiagem e não abrem mão do perfume. Durante o período da entrevista, mostram-se receptivas e otimistas e não se queixam das dificuldades sociais e financeiras em que se encontram, nem da falta de participação dos homens na fonte de renda familiar. Acordam cedo e vão chegando na associação por volta das 9 horas da manhã. Ficam bordando até as 12 horas e vão às suas residências preparar almoço para família. Por volta das 15 horas, retornam à associação e lá ficam até em torno das 18 horas. À noite se arrumam, umas vão ao culto evangélico, algumas participam de grupos de oração e outras ficam conversando nas portas de suas casas.

Figura 10 – Bordadeiras da Associação da Casa de Bordado de Entremontes



Fonte: Acervo Estúdio Campana, 2016.

A técnica de bordado “redendê” aplicada pelas bordadeiras não requer maquinário específico, é artesanal, o que torna mais simples de ser repassada através de gerações. É necessário apenas linha, agulha e bastidores como equipamento, e as mulheres bordam sobre o linho, criando desenhos geométricos. Para que surjam os desenhos, é preciso a contagem paciente dos pontos a partir dos fios do tecido. Depois de bordado, o tecido de linho, preso em um bastidor, é então desconstruído com a ajuda de tesoura, que retira o centro do bordado e acrescenta o vazado ao “redendê”.

Figura 11 – Processo do bordado



Fonte: Acervo do Estúdio Campana.

Em 1999, o Artesanato Solidário (Artesol), uma organização sem fins lucrativos que beneficia artesãos brasileiros que vivem em localidades de baixa renda e são detentores de saberes tradicionais, iniciou o trabalho de capacitação e orientação das bordadeiras em Entremontes. Em 2000, o SEBRAE aplicou cursos de empreendedorismo às bordadeiras e, em 2002, fundou-se a Associação Companhia dos Bordados, uma microempresa financiada por entidades de microcrédito, com financiamentos de baixo valor, geralmente concedidos a empresários informais. O trabalho feito pelas bordadeiras, que aprenderam a

administrar a atividade como um negócio empresarial, faz do bordado em linho Panamá e cambraia um bem-sucedido caso de inclusão social.

A Associação iniciou suas atividades investindo na compra de pano e linha direto da fábrica, com recursos do Banco do Nordeste, do Pronaf (Programa Nacional de Financiamento da Agricultura Familiar) e da Adene (Agência de Desenvolvimento do Nordeste – antiga Sudene).

A produção da Associação é basicamente composta por “jogos americanos”², panos de bandeja, guardanapos, toalhas de mesa e de lavabo, passadeira, porta-copo, cestos de pão, capas de almofadas e saquinhos para presente. São produtos com técnica precisa de bordado, com uma estética própria em cortar, desfiar, alinhavar, bordar, lavar, engomar, embalar e etiquetar. A confecção à mão de uma toalha de mesa bordada pode demorar até 15 dias, dependendo do modelo, a um custo que varia entre R\$ 100 a R\$ 180. “Ainda temos dificuldade, principalmente no escoamento da produção, mas os tempos difíceis acabaram”, afirma a bordadeira Edna Bezerra.

Figura 12 – Toalha de mesa produzida e comercializada pela Associação de Bordadeiras de Entremontes



Fonte: Fotos de internet. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/jogo_americano>. Acesso em dezembro de 2016.

Por meio da metodologia de pesquisa Historia Oral de Halbwachs (2004), resgatamos a memória coletiva dessa técnica de artesanato, considerando que a questão central consiste na afirmação de que a memória individual existe sempre a

² É um conjunto de pequenas toalhas de mesa, usualmente fabricadas de tecido, plástico ou palha trançada, sobre as quais se colocam prato, talheres, copos etc.

partir de uma memória coletiva, e a origem de várias ideias, reflexões, sentimentos, paixões que atribuímos são, na verdade, inspiradas pelo grupo. Halbwachs (2004) ainda aponta que as lembranças podem, a partir desta vivência em grupo, serem reconstruídas ou simuladas, criando-se representações do passado assentadas na percepção de outras pessoas, no que imaginamos ter acontecido ou pela internalização de representações de uma memória histórica. De acordo com Halbwachs (2004), “a lembrança é uma imagem engajada em outras imagens” (HALBWACHS, 2004, p. 76-78).

No próximo capítulo, apresentamos mais profundamente as bordadeiras e suas memórias, através de análise de resultado da pesquisa quantitativa realizada pelo IPTI (dados secundários) e pela pesquisa qualitativa aplicada pelo autor.

3 AS BORDADEIRAS E A MEMÓRIA

3.1 Análise da pesquisa qualitativa do IPTI sobre as bordadeiras

Com a pesquisa quantitativa realizada pelo IPTI, descobrimos que a Associação é atualmente formada por 43 artesãs, exclusivamente do sexo feminino, mas apenas metade delas são assíduas da associação. Segundo dados levantados pelo próprio IPTI, 75% das bordadeiras são casadas ou amasiadas e 25% são solteiras. Em termos étnicos, elas se declaram de cor branca (40%), e outras misturas (60%), sendo negra ou mulata. O nível educacional é bastante baixo, já que 54% das artesãs possuem fundamental II incompleto e 26% com Ensino Médio incompleto. No nível socioeconômico, 54% estão em classe de extrema pobreza e o restante fica dividido nas subcategorias da classe média, sendo baixa classe média (23%), média classe média (20%) e alta classe média (3%). 74% das artesãs trabalha com artesanato há mais de 10 anos e 26% tem experiência menor, entre três a dez anos. 47% das bordadeiras têm a renda mensal gerada pelo bordado na faixa de R\$ 51,00 a R\$ 200,00, e 53% das bordadeiras fica abaixo de R\$ 50,00.

O diagnóstico da consultora do IPTI, Dra. Renata Piazzalunga, quanto ao nível de estruturação do empreendimento, mostra que a gestão e infraestrutura da associação é bastante organizada, porém com problemas na área financeira. A infraestrutura é boa, embora tenha sentido falta de um espaço mais apropriado para reunir todo o grupo em atividades coletivas requeridas pelo projeto. O produto e o processo produtivo quanto à qualidade dos bordados são muito bons, e o grupo já está bem avançado devido a inúmeros projetos, apoios e formações que já recebeu. Um dos problemas observados é a falta de inovação nas linhas de produtos da Associação, logo há a necessidade de revê-los considerando um olhar voltado às exigências de consumo de um mercado contemporâneo mais exigente.

Entre as bordadeiras não há processo criativo consolidado. Anterior à intervenção dos irmãos Campana, houve a participação de Zizi Calderari, uma colaboradora da Revista Casa Claudia, que até hoje mantém um certo frescor ocasional nos produtos e que, eventualmente, insere um item novo na linha de produtos dessas artesãs, a partir das encomendas que faz. Porém isto é feito de forma totalmente ocasional e sem nenhum impacto relevante na criação de produtos da associação.

Assim como a maioria das associações visitadas, a comercialização dos produtos está bastante desestruturada e sem planejamento. O que merece destaque

no caso desta associação é que ela já foi beneficiada por inúmeros projetos relevantes, mas que nem por isto consegue se manter atuante no mercado, garantindo sua sobrevivência.

Quanto ao ambiente organizacional das bordadeiras de Entremontes, a principal motivação para participar da associação é econômica. “Melhorar a Renda”, “Falta de oportunidades e emprego” foram as justificativas de 70% das entrevistadas. As outras 30% dizem fazer parte por gostar do trabalho. 98% dizem acreditar que a associação ainda existirá no futuro e que elas ainda farão parte da mesma. Com relação à renda, a satisfação cai para 66%.

Na pesquisa, 67% responderam que procuram aprender coisas novas relacionadas ao artesanato, receitas e coisas do interesse. Neste caso o conhecimento é adquirido por meio de revistas de banca (52%), Internet (26%) e Livros (22%). Chama atenção o fato de a Internet ter sido muito pouco citada como fonte de informação geral (14%), mas ser utilizada para informações específicas, de interesse do entrevistado.

De forma geral, as artesãs se sentem felizes (74%) e o restante mais ou menos feliz, sem nenhuma resposta à Infelicidade. No entanto, a autoridade sobre a vida não parece tão fortemente, ao passo que 56% consideram poder mudar a vida e que isso depende apenas delas. Tal fato é corroborado quando observamos as opiniões sobre o poder que elas têm em fazer do município um lugar melhor. 38% afirmam que têm um pequeno poder, enquanto 31% acham que não têm nenhum poder ou um grande poder.

A maioria das artesãs entrevistadas afirma conhecer outro artesão criativo (93%). Indagadas sobre sua própria criatividade, considera-se muito (65%) e mais ou menos criativo (35%).

Quanto à invenção de algum jeito de fazer o artesanato ou objeto novo, 76,7% afirmam que sim. Dentre as invenções, bordados (40%), “redendê” (28%), pontos e modelos (12%), técnicas (11%) e outros.

As considerações finais destacadas na pesquisa do IPTI são: a composição das classes socioeconômicas é bem distribuída, com maior concentração na classe vulnerável, no entanto com participação expressiva das classes médias; a renda concentra-se entre R\$ 201,00 e R\$ 1.000,00; as bordadeiras reportam que o motivo principal para trabalhar com artesanato é a falta de oportunidades de emprego e participam da associação para aumentar a renda.

3.2 Análise do conteúdo da pesquisa de campo junto às bordadeiras

Baseado nos achados da pesquisa de campo realizada junto às bordadeiras, categorizamos hipóteses, avaliando-as sob o olhar dos personagens envolvidos nessa dissertação: as bordadeiras, os autores e a mídia, a fim de analisar o impacto dos pontos positivos ou neutros do poder do design, da mídia e da situação econômica das bordadeiras, de maneira que contribua à preservação da técnica de bordado de uma cultura regional.

Quadro 1 – Validação de hipóteses, desenvolvido por Ana Paula Moreno

| Validação das hipóteses | | | | |
|--|-----------------------------|-------------------------|----------------------|-----------|
| Hipóteses: | Sob o olhar das bordadeiras | Sob o olhar dos autores | Sob o olhar da mídia | Resultado |
| O design tem o poder de valorizar a cultura regional de maneira que contribua à sua preservação. | + | + | + | + |
| A mídia tem o poder de valorizar a cultura regional de maneira que contribua à sua preservação. | - | + | + | + |
| A situação econômica das bordadeiras contribui na preservação da sua cultura popular. | + | + | n/a | + |

Legenda:

- + = hipótese válida
- = hipótese inválida
- n/a = não se aplica

Fonte: Elaborado pela autora.

O resumo do resultado das entrevistas se encontra no quadro no apêndice D com as perguntas e respostas das entrevistas, e as entrevistas na íntegra estão transcritas no apêndice C.

Constatamos que as bordadeiras têm consciência da importância em manter suas tradições intactas quanto ao ensinamento da técnica de bordado, logo elas realmente se empenham em envolver as gerações mais novas nessa atividade.

Porque é uma coisa que tem ser valorizada e, cada dia mais, nós temos que incentivar... a... as crianças, né. Não que era elas pare de estudarem, mas que estudem e continuem levando a nossa arte...em frente. (Entrevista Maria de Lurdes, 2016).

O método de repassar a técnica do bordado foi unânime, da maneira mais simples e natural, observando suas mães e suas avós desde pequenas.

Eu aprendi a bordar assim, eu via a minha mãe fazendo ponto-cruz. Aí, eu fui olhando, olhando, observando... Aí, minha mãe deixava um cestinho que ela tinha cheio de linha, de toda cor. Aí, eu...a gente pegava escondido dela. Aí, eu levava pra um prima que tinha que gostava bastante, aí ficava fazendo esse raminho. Depois a minha prima falou assim: 'prima, ali tem uma senhora que dá uns bordado pra fazer, vamos pegar escondido'. Eu disse: 'vamos'. Nós pegamos o bordado dessa senhora, era até uns... chamava 'toalhinha de rosto'. Aí, fizemos as toalhinhas de rosto. (Entrevista com Silvana Araújo Sarmento, 2016).

É... a minha mãe, a minha mãe bordando. E eu comecei a criar, porque na época ela não tinha tempo... de ensinar, porque o tempo era muito pouco e tinha que produzir...o... trabalho e eu ficava curiando, que nem minha neta hoje fica curiando. E aí eu rasgava o tecido e foi com o ponto que ela se enjoou tanto de eu ficar rasgando os pedacinho de tecido que começou a me ensinar. (Entrevista com Maria de Lurdes, 2016).

Eu olhando a minha mãe fazer aprendi o... o ponto-cruz. E o "redendê", quando chegou aqui, a gente tentemo (sic) olhando as outra a fazer, aprendi também. (Entrevista com Anália Oliveira Lisboa, 2016).

A minha mãe me ensinou... quando eu era criança, a partir de oito anos, ela começou a me ensinar, mas eu não gostava muito de bordar, eu era preguiçosa. Não agora, né. Mas é o que tinha para fazer, né, era o bordado, aí eu fui me habituando a ter que aprender... a bordar. (Entrevista com Edna Bezerra da Silva, 2016).

A sugestão das bordadeiras para preservar o bordado é envolver as crianças e jovens a participarem da associação por meio de um curso de bordado focado para essa faixa etária.

Olha, eu acho assim fazendo um projeto, né, de uma escolinha para a gente ensinar elas a fazer o bordado, assim com... assim não vai ser uma escola, aquela rígida, né, com dinâmica, com muita coisa assim, eu acho que elas vão...né, tendo...tomando gosto da coisa, como o pessoal fala aqui, e vai aprendendo. (Entrevista com Edna Bezerra da Silva, 2016).

Essa motivação das bordadeiras em manter o bordado é tanto econômica como cultural. Há a consciência de que a inovação por meio do design pode contribuir à valorização do produto existente.

Segundo as bordadeiras, no passado, elas viviam em situação de miséria e hoje conseguem ter uma vida mais digna graças à renda do bordado. Elas vendiam suas peças individualmente, abordavam diretamente os turistas que passavam por Entremontes, não havia referência à qualidade do produto, nem de precificação.

Com o projeto "Fusões e Inserções", as bordadeiras contaram que gostaram da experiência de interagir com os irmãos Campana, pois aprenderam uma técnica

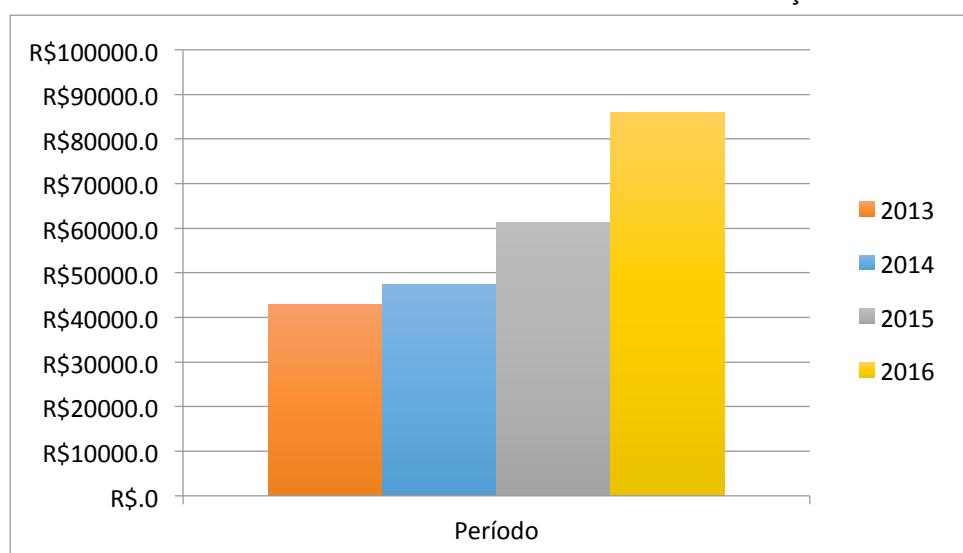
nova e admiraram a criatividade dos designers. Entretanto, ficaram insatisfeitas quanto à questão financeira, pois a percepção de resultado do projeto foi de não ter tido diferença para elas.

Olha, foi bom trabalhar com eles (Fernando e Humberto Campana), porque assim a gente aprendeu coisas novas, né, que a gente não sabia, eles são umas pessoas muito ágil, muito, né, e assim ensina muitas coisas e a gente aprende com a sabedoria deles, a gente aprende, né, a gente aprendeu muito assim com eles.... para mim mesmo não mudou nada, porque assim a gente fez algumas peças, né, e... teve divulgação e tudo lá em São Paulo, mas não teve retorno aqui para a associação. Aí, não mudou nada, né. Espero que ainda, ainda, né, muda alguma coisa. Mas até aqui não mudou nada. (Entrevista com Edna Bezerra da Silva, 2016).

Eu achei assim melhor um pouco, né. Também eles trouxeram uma detalhe que a gente achava anormal, eu achava tão anormal assim, devido a gente só fazer, acostumada naquele rendê básico, aí eles vieram com outro...com outros motivos diferente que a gente não faz que eu acho que até riu da gente, a gente não põe no papel, só põe pano. Não punha no papel e eles já trouxeram no papel para gente passar pro pano. (Entrevista com Silvana Araújo Sarmento, 2016).

Com base na análise do histórico do faturamento da associação, embora não houvesse sido notado pelas bordadeiras, o resultado da associação vem melhorando gradativamente graças aos trabalhos de divulgação de seu bordado, interações com marcas e participação em feiras de artesanato promovidas e patrocinadas pelo SEBRAE. Ao apresentar esse resultado às bordadeiras, elas se surpreenderam e se motivaram a se abrirem à divulgação e a intervenções de outros em seu trabalho.

Grafico 1 – Histórico de faturamento da associação



Obs.: Não há recorde de vendas nos anos anteriores.

Fonte: Elaborado pela autora.

Embora este estudo esteja focado na intervenção do design e da mídia nas bordadeiras de Entremontes, devemos considerar o contexto socioeconômico no qual elas estão inseridas e como isso influencia a preservação da cultura regional, especificamente quanto à técnica de bordado “redendê”. As artesãs possuem baixa escolaridade e possuem baixo poder aquisitivo, logo a tentação de mudar sua condição para um outro negócio mais lucrativo é inevitável. Percebe-se no caso de estudo “Fusões e Inserções”, que tornar o trabalho das bordadeiras reconhecido, valorizado, e com uma renda promissora para essas artesãs contribui para o interesse em preservar sua técnica artesanal, centenária de bordar.

Com a cultura-mundo aumenta a tomada de consciência da globalidade dos perigos, o sentimento de viver em um mundo único feito de interdependências crescentes [...] quando mais o mundo se globaliza, mais um certo número de particularismos culturas aspira afirmar-se nele. Uniformização globalitária e fragmentação cultural andam juntas (LIPOVETSKY; SERROY, 2001, p. 17).

No que se refere à aplicação de design nos produtos a fim de agregar valor, notamos a diferença de atitude entre as bordadeiras que pertencem à associação e as bordadeiras que saíram de lá para abrir seu próprio negócio. As bordadeiras da associação são mais acomodadas e não buscam inovar a técnica, já as bordadeiras que saem da associação buscam liberdade de inovação na oferta dos produtos diversos. Além de guardanapos, toalhas de mesa, toalhas de lavabo, etc, as bordadeiras que não fazem parte da associação fazem roupas. Conforme explica D. Lurdes, que fundou e presidiu a associação durante 15 anos:

Temos que ter mais criatividade. É... e colocando mais nossa cabeça pra funcionar. Saber o que é que o pessoal tá... querendo mais. Não perder o foco desde quando surgiu o bordado, né. Os nossos tecido antigos... E, hoje, procurando mais tecidos que o... pessoal se agrade, como na forma do uso dentro de casa, na forma de como como se vestir, né. E ir criando mais ideias e colocando nossa mente para funcionar, como hoje tem muita facilidade, tem o *whatsapp*, né, o *facebook*... Tem esse negócio aí que não sei me falarem direito muita coisa... E nós e... estudando ideias que eles têm lá em outros pontos e nós colocando da gente pra ir valorizando em cima de algum detalhes que eles tenham, né. Não o mesmo bordado, o nosso bordado que ele vá crescendo..... o pessoal da nossa região que se adapte.” (Entrevista com Maria de Lurdes, ex-bordadeira da Associação de Entremontes, mulher mais rica do povoado, possui uma loja de bordado e um restaurante, 2016).

Esse fenômeno de saída do cooperativismo em busca de maior liberdade é retratado por Sennett (2008), sociólogo norte-americano e escritor. Em seu livro “*The*

Craftsman", Sennett descreve que os artesãos surgiram na Idade Medieval, eram aquelas pessoas que possuíam uma habilidade específica repassada através de gerações. Era um trabalho muito valorizado, coletivo, de cooperativismo. Mas no Renascimento, o artesão Cellini saiu do coletivismo e cooperativismo para ter mais liberdade e poder experimentar e inovar. Com isso, Cellini consagrou a autoria de sua originalidade e se autodenominou artista. Assim como Cellini, outros artesãos também seguiram o mesmo caminho e se tornaram artistas. Essa transformação trouxe um maior reconhecimento e valor monetário às suas obras. Iniciou-se, então, a distância socioeconômica entre artesãos e artistas, a qual persiste até os dias atuais.

O movimento do artesão do coletivo para o individual também é discutido por Howkins (2001), autor e pesquisador inglês da Economia Criativa, quando afirma que estamos no momento econômico em que a inovação e a criatividade são os bens materiais mais relevantes nas atividades econômicas (produto ou serviço). Segundo o autor, as ideias surgem a partir do indivíduo criador, que traz toda uma cadeia produtiva inovadora para criar um valor subjetivo maior às suas obras, ou seja, no caso deste projeto, o indivíduo criador trata-se dos irmãos Campana pois criaram a luminária, e as bordadeiras seriam a cadeia produtiva para a produção das luminárias.

Considerando o pensamento de Burke (2006) sobre o leitor hiperconsumista, a mídia poderia adequar o conteúdo da matéria sobre o projeto "Fusões e Inserções" pela vertente da preocupação em se preservar uma técnica centenária de artesanato, a fim de promover a venda das luminárias e melhorar a situação socioeconômica das bordadeiras.

O contraste entre tradições abertas e fechadas levanta um problema integrante, o de explicar as diferenças de receptividades. É, por exemplo, a cultura bem integrada a que é relativamente fechada, enquanto que a cultura aberta a ideias de fora é dividida? Ou será que a questão fundamental é de autoconfiança? Quando as pessoas têm confiança na superioridade da sua cultura, elas têm pouco interesse nas ideias estrangeiras (BURKE, 2006, p. 85).

De acordo com Gilles Lipovetsky e Jean Serroy (2001), no livro "A Cultura-Mundo, resposta a uma sociedade desorientada", os autores demonstram que estamos vivendo em um momento de hipermodernismo, hiperindividualismo, hipertecnológico e hiperconsumista, e que há uma desorientação na civilização, a

qual não se importa com valores patrimoniais artísticos, culturais, familiares, ou seja, de identidade. O desejo de consumo imediatista como ferramenta de satisfação do ego causa um vazio no ser.

O cultural tornou-se um setor considerável do mundo mercantil, aquele que passa pelo mais forte crescimento: como se disse, os produtos culturais constituem hoje o primeiro item de exportação dos Estados Unidos. Depois do capitalismo industrial, impõem-se um capitalismo cultural, transformando áreas inteiras da vida em experiências mercantilizadas [...]. Nossos países não se transformam pouco a pouco em vastos parques temáticos sem outra finalidade que não o divertimento comercializado? (LIPOVETSKY; SERROY, 2001, p. 111).

Entretanto, os autores concluem sua obra otimistas quanto a um fenômeno de equilíbrio: “a hipermoderne hoje procura um sentido para si, um novo modelo de composição” (p. 194) e busca o religamento entre passado e presente, autoridade e inovação, arte e industrial, técnica e natureza, sabedoria e desempenho, consumo e solidariedade (p. 195). Segundo os autores, a era contemporânea é marcada pela reativação multiformes das religiosidades, espiritualidades e movimentos humanitários e solidários, e há esperança de que a sociedade se recomponha para avaliar o modelo frenético de consumo e conscientizar sobre a importância da preservação de cultura local.

Depois da era moderna do engajamento, eis a época hipermoderna da grande desorientação. Agora todas as esferas da vida social e íntima são afetadas. A família, a identidade sexual, as relações entre os gêneros, a educação dos filhos, a moda, a alimentação, as novas tecnologias: a incerteza tornou-se a coisa mais bem partilhada do mundo (LIPOVETSKY; SERROY, 2001, p. 21).

E qual o papel dos meios de comunicação nesse processo?

4 O PAPEL DA MÍDIA NO PROJETO “FUSÕES E INSERÇÕES”

Atualmente, a mídia especializada em design busca produtos inovadores que possuam o valor humano e que contem a história sobre o que existe por trás da criação e assim, há a valorização e o retorno a técnicas manuais artesanais na criação e produção de obras, o *slow design*³. Com o projeto “Fusões e Inserções”, quando se fez a fusão entre artesanato e design, com a inserção da assinatura de designers renomados, conseguiu-se elevar o nível de artesanato a um produto de alto valor agregado de design. Relacionamos esse fenômeno ao pensamento de Lipovetsky e Serroy (2011) de que, segundo eles, embora vivamos num momento de hipermodernismo, hiperindividualismo, hipertecnológico e hiperconsumista com uma desorientação na civilização que não se importa com valores de identidade como patrimoniais artísticos e culturais, nota-se também a procura de um fenômeno de equilíbrio.

[...] a hipermodernidade hoje procura um sentido para si, um novo modelo de composição” e busca a união e equilíbrio entre passado e presente, autoridade e inovação, arte e indústria, técnica e natureza, sabedoria e desempenho, consumo e solidariedade (BURKE, 2006, p. 194).

No mundo contemporâneo, a mídia especializada em design e os colecionadores procuram o valor humano nos trabalhos e, mais ainda, a história por trás da criação das peças. Esse movimento se alinha com o otimismo de Gilles Lipovetsky e Jean Serroy referente à conscientização do consumismo, conhecer sua origem e considerando obras que apresentem técnicas artesanais milenares, como no caso das luminárias de bordado “redendê” criada pelos irmãos Campana.

Apesar disso, os sinais ameaçadores que sempre acompanharam a marcha da modernidade no caminho de um maior bem estar era contra balançados por uma esperança, uma fé, uma promessa: precisamente, do progresso. Esse bloco de otimismo e convicção dissolve-se (LIPOVETSKY; SERROY, 2001, p. 23).

³ *Slow Design* é um ramo do movimento “Slow Movement”, que começou com o conceito de “Slow Food”, um termo contrastante de “Fast Food”. Tal como acontece com todos os ramos do Slow Movement, o objetivo principal do Slow Design é o de promover o bem-estar dos indivíduos, da sociedade e do meio ambiente natural. Disponível em: <<https://anasantos1193.wordpress.com/2014/06/02/slow-design-em-design-de-produto/>>.

Neste capítulo, focamos no papel da mídia no projeto “Fusões e Inserções”, apresentamos as matérias publicadas, tanto na mídia impressa como na digital, e faremos uma análise de como o projeto foi abordado.

4.1 A cobertura da mídia no Brasil

4.1.1 Cobertura da mídia impressa

Como resultado das publicações, no Brasil, a mídia deu enfoque aos irmãos Campana e não à importância da preservação de um patrimônio imaterial regional brasileiro, do bordado “redendê”. Notamos que, mesmo que o *press release* deixe clara a intenção do projeto em conscientizar a preservação do patrimônio imaterial das bordadeiras de Entremontes, as matérias se referem à exposição dos designers. A maioria das chamadas das matérias foi: “Exposição Retratos Iluminados acontece no Centro Sebrae de Referência do Artesanato Brasileiro (CRAB) onde expõe trabalhos de 35 bordadeiras sergipanas e alagoanas feito a convite dos irmãos Campana.”.

Quanto à mídia impressa, abaixo registramos num quadro os veículos, as matérias publicadas e qual sua abordagem de conteúdo.

Tabela 1 – Relatório dos veículos que publicaram o projeto “Fusões e Inserções” no Brasil

| Mídia | Veículo | Seção | Foco da matéria | Retrata a importância da preservação da cultura? |
|---------|---------------------|------------------|-------------------------------|--|
| Jornal | O Estado de S.Paulo | Casa, Personagem | Design dos irmãos Campana | Não |
| Revista | Bamboo | Agenda | Exposição Retratos Iluminados | Não |
| Revista | Casa Vogue | Antena News | Exposição Retratos Iluminados | Não |
| Jornal | O Globo | Exposições | Exposição Retratos Iluminados | Não |
| Jornal | Veja Rio | Exposições | Exposição Retratos Iluminados | Não |

Fonte: Elaborado por Ana Paula Moreno.

Figura 13 – Matérias publicadas sobre a exposição “Retratos Iluminados” no Rio de Janeiro, capas e matérias impressas na íntegra



Fonte: Jornal O Estado de S. Paulo, São Paulo, 5 a 11 de junho de 2016.



Fonte: Revista Bamboo, Brasil, edição de junho 2016.



Fonte: Revista Casa Vogue Brasil, edição de junho de 2016.



Fonte: Jornal O POVO, Rio de Janeiro, 11 de junho de 2016.



Fonte: Jornal O Globo, Rio de Janeiro, 7 de junho de 2016.



Fonte: Revista Veja, Rio de Janeiro, 7 de junho de 2016.

4.1.2 Cobertura da mídia digital

Nas mídias digitais fica ainda mais visível a falta de interesse na missão do projeto em preservar uma cultura regional, pois todas as publicações reproduzem integralmente o *press release* (anexo 2 – *press release*) do projeto escrito pela assessoria de imprensa dos designers, ou seja, os jornalistas não se preocuparam em elaborar um pensamento próprio sobre o conteúdo.

Figura 14 – Matérias publicadas sobre a exposição “Retratos Iluminados” no Rio de Janeiro, capas e matérias online na íntegra



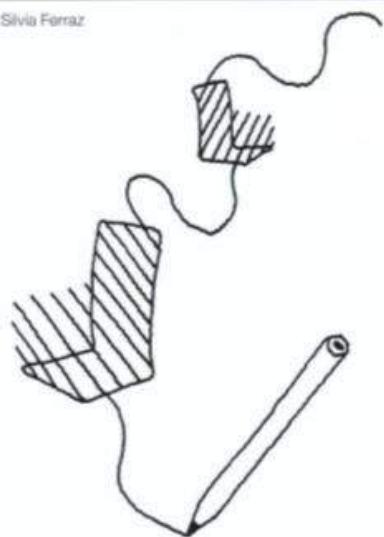
Fonte: <http://www.bamboo.com.br>.

Acesso em: 11 de junho de 2017.

16 agenda

Texto Maria Sílvia Ferraz

o verão no **hemisfério norte** traz bons eventos, como a abertura do serpentine pavilion em londres, exposições em israel, paris e tóquio e feiras em basileia e chicago



2

02/06 quinta-feira

Retratos iluminados

O recém-aberto Crab – Centro de Referência do Artesanato Brasileiro, no Rio de Janeiro, expõe a materialização da percussão dos irmãos Campana com o IPTI – Instituto de Pesquisas em Tecnologia e Inovação. Até 30 de julho. www.crab.sebrae.com.br

Foto: Estúdio Campana e IPTI, iluminação Retratos iluminados, 2015/Fernando Lászlo



04/06 sábado

Antes que Acabe

O artista plástico e antropólogo Júlio Galera apresenta desenhos de nanquim sobre papel que retratam construções antigas. As residências lembram como o habitat da cidade se modificou. No Museu da Casa Brasileira, em São Paulo, até 31 de julho. mcb.org.br

Foto: João Galera, Cônego, 2015-2016/divulgação



14/06 terça-feira

Design Miami

A feira de design colecionável Design Miami tem sua edição em Basileia, na Suíça, em paralelo à Art Basel. Os expositores trazem peças dos anos 1930 aos dias de hoje. Destaque para a primeira linha de roupas do artista Ai Weiwei. Até o dia 19. basel2016.designmiami.com

Foto: Daniel Kruger, sem título, 2006/cortesia Caroline Van Hoek



14/06 terça-feira

Prêmio Brasil de Fotografia

Trabalhos vencedores do importante prêmio de fotografia ganham exposição no Espaço Cultural Porto Seguro, novo centro no Bom Retiro, em São Paulo. Foram 1.500 inscritos, em quatro categorias: Ensaio Impresso, Ensaio Multimeios, Bolsa e Revelação. Até 21 de agosto. premiobrasildofotografia.com.br

Foto: Edu Simões, sem título, 2015/ cortesia Prêmio Brasil de Fotografia

16/06 quinta-feira

Mauro Piva

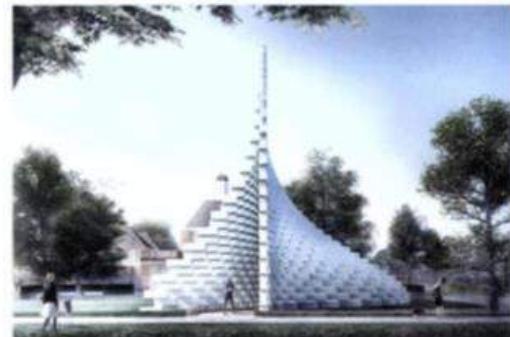
O artista exibe pinturas sobre papel, na galeria Leme, em São Paulo, até 20 de agosto. galerialeme.com

Foto: Mauro Piva, Autoretrato como Teste de Cores, 2015/divulgação

Fonte: <http://www.bamboo.com.br>.

Acesso em: 11 de junho de 2017.

junho



11/06 sábado

Regina Silveira

Para a nova sede da galeria Luciana Brito, Regina Silveira preparou uma grande obra de cerâmica, que ocupará completamente a maior sala da casa, projetada por Rino Levi. Até 13 de agosto, em São Paulo. lucianabritogaleria.com.br

Foto: Regina Silveira, Nimbus, 2015/divulgação



13/06 segunda-feira

Dmais Design

Belo Horizonte ganha programação intensa de design, que inclui lançamentos de produtos, palestras, exposições, intervenções e festas. Esta é a terceira edição do festival. Até 19 de junho. dmaisdesign.com.br

Foto: Alva Design, Bola Sabão, 2016/divulgação



13

13/06 segunda-feira

Necon

A feira voltada para decoração comercial acontece em Chicago, até 15 de junho. Nos estandes, mobiliário e serviços para escritórios, hospitais, hotéis, lojas, escolas e espaços públicos. necon.com

Foto: Architex, tecido de alta resistência da linha Shiro Linen, 2016/divulgação

o serpentine pavilion do big confunde os sentidos ao jogar com opostos



23/06 quinta-feira

Rester Vivant

Michel Houellebecq cria exposição para o Palais de Tokyo, em Paris. O escritor revolucionou a exposição ao misturar literatura, fotografia e cinema, realidade e ficção. Até 11 de setembro. palaisdetokyo.com

24/06 sexta-feira

Doboku – Civil Engineering

Doboku, a palavraria japonesa para engenharia civil, é composta dos símbolos solo e madeira. Ou seja, é o próprio meio ambiente. Se, em nossas vidas cotidianas, não prestamos tanta atenção ao mundo construído ao nosso redor, a exposição do 21.21 Design Sight, em Tóquio, propõe aos visitantes redescobrir e experimentar a engenharia civil. Até 25 de setembro. 2121designsight.jp

Foto: Yukihiko Yamagami, vista de Rokko, 2016/divulgação



25

25/06 sábado

Helga de Alvear

Cerca de 120 obras da Fundación Helga de Alvear são expostas na Pinacoteca de São Paulo, até 26 de setembro. A coleção, sediada em Cáceres, na Espanha, é uma das mais importantes da Europa com foco nos séculos 20 e 21. pinacoteca.org.br

Foto: José Damasceno, Durante o Caminho Vertical, 2005/Giovanni Pandino

O 18º Serpentine Pavilion tem desenho do BIG (Bjarke Ingels Group), com sedes em Nova York e Copenhague. O escritório de arquitetura trabalhou com o conceito de "parede zipper", em que uma linha reta se abre em um espaço tridimensional. A estrutura elegante é, ao mesmo tempo, curvilínea e vertical.

O projeto certamente se tornará um ícone nos Kensington Gardens durante o verão londrino, no período de 10 de junho a 9 de outubro. O pavilhão é multiuso: de dia, abrigará um café e atividades gratuitas para crianças; à noite, performances de artistas, escritores e músicos.

"Tentamos combinar aspectos que normalmente são percebidos como opostos. A estrutura não tem forma, mas ainda assim é rigorosa; é modular, mas também escultural; ao mesmo tempo transparente e opaca; sólida e fragmentada", declarou o BIG.

A Serpentine Gallery, desde 2000, convida todos os anos um arquiteto para desenhar um pavilhão aberto ao público. O BIG é um escritório jovem, fundado em 2004 por Bjarke Ingels. Entre seus projetos recentes, estão uma usina de energia em Copenhague, a nova sede do Google, na Califórnia, e o Dryline, em Nova York, todos de grande escala. serpentinegalleries.org

Foto: BIG, Serpentine Pavilion, 2016/cortesia dos arquitetos

Fonte: <http://www.bamboo.com.br>.

Acesso em: 11 de junho de 2017.

Parcerias são vistas com bons olhos por Fernando e Humberto Campana, ainda hoje os designers brasileiros de maior projeção global. “Aprendemos muito com elas. O intercâmbio oxigena nossas ideias e nos sugere outros tipos de suporte”, afirma Fernando, que, ao lado do irmão, inaugurou na última quinta-feira a exposição Retratos Iluminados, em cartaz no Centro Sebrae de Referência do Artesanato Brasileiro, no Rio, até 3 de setembro.

Resultado de um projeto conduzido em parceria com órgãos de fomento de Sergipe e Alagoas, a mostra coloca face a face o delicado trabalho de bordadeiras de localidades próximas ao Rio São Francisco e a criatividade exuberante dos irmãos designers.

Como grandes estandartes suspensos, bastidores exibem rostos bordados e iluminados, que se propagam pelo espaço. Além de retratos de Fernando e Humberto, imagens das 35 artesãs inspiram as criações. “Quisemos colocar as bordadeiras como protagonistas, que elas mostrassem seus rostos”, conta Fernando em entrevista ao Casa.

O universo artesanal é múltiplo. Mesmo comunidades muito próximas têm suas particularidades. O que mais os impressionou no trabalho das artesãs?

Ficamos impressionados com a diversidade e a riqueza de técnicas como a do rendê e a do ponto-cruz. Também nos surpreendeu o fato de elas propagarem a tradição do bordado desde o período colonial, ainda que depois da independência tenham se permitido uma certa flexibilidade, para se adaptarem a novas exigências.

Siga o Casa no Instagram e use a hashtag #casaestadao

Como se deu o contato com as comunidades?

A comunicação ocorreu entre o Instituto Campana e o Instituto de Pesquisas em Tecnologia e Inovação (IPTI), em parceria com o Sebrae e o governo de Sergipe. O IPTI nos apresentou as comunidades de Sítios Novos (SE) e de Entremontes (AL) e ficamos muito entusiasmados com a oportunidade de trabalhar com artesãs da região do São Francisco.

Fonte: <http://www.estadao.com.br>.
Acesso em: 11 de junho de 2017.

Campanas criam luminárias com artesãs do São Francisco

MARCELO LIMA - O ESTADO DE S.PAULO

04/06/2016, 22:02

Coleção de pendentes com retratos bordados está exposta no Rio



Fonte: <http://www.estadao.com.br>.
Acesso em: 11 de junho de 2017.

Em geral, o trabalho artesanal propicia tempo maior de reflexão. Vocês ainda se permitem esse tempo? Continuam a manipular matérias-primas?

Inevitavelmente. Contatar, assimilar, reprocessar e devolver com nossa linguagem e nosso conceito, quase como um ato antropofágico, está na essência de nosso trabalho. Inclusive, foi esse movimento que tentamos levar às artesãs, com o intuito de arejar o repertório delas. Por isso, no lugar de temas tradicionais, propusemos os retratos, como que afirmando que é sempre possível sair do habitual. O bordado ganhou uma terceira dimensão.



Fonte: <http://www.casavogue.com.br>.
Acesso em: 11 de junho de 2017.

Retratos iluminados

Para dar sua nota é preciso estar logado. [Clique Aqui](#)

Envie por email [Imprimir](#) [Share](#) [Tweet](#)

Fotogaleria

TOQUE DE CHEF
6 a 10 de junho, no Rio Design Barra

Programação

Centro
Centro Sebrae de Referência do Rio de Janeiro
Até 3 set 2016
ter 10:00 até 19:00 | qua, sex e sáb 10:00 até 17:00
Gritto

Em Cartaz

A metrópole da Amazônia – 400 anos de Belém
Amor (Leste europeu)
Ana Haze

Fonte: <http://www.oglobo.com.br>.
Acesso em: 11 de junho de 2017.

Festa junina anima Praça Tiradentes, que vira point cultural

6/3/16, 17:22

globo.com [g1](http://g1.globo.com) [globoesporte](http://globoesporte.globo.com) [gshow](http://gshow.globo.com) [famosos & etc](http://famosos.globo.com) [vídeos](http://videos.globo.com)
[CENTRAL](#) [E-MAIL](#) [ENTRAR >](#)

Após 2 quartos em condomínio fechado com lazer

PRESTAÇÕES MENORES QUE O ALUGUEL

Mensais a partir de R\$ 199,90 ALUGUEL DE VEZ!




[FOTO](#) [VÍDEO](#) [Extra Digital](#) [Promoções](#) [Acervo](#) [Classificados](#) [O Globo](#) [Princípios Editoriais](#)

Notícias Rio

Anota ai! **EXTRA tem novo número de Whatsapp: (21) 99602-2721**

03/06/16 06:00 03/06/16 11:45 Curtir 726 Tweetar G+ 0

Festa junina anima Praça Tiradentes, que vira point cultural



[Leia mais](#) Gustavo Cunha Tamanho do texto A A A

Os comentários são de responsabilidade exclusiva de seus autores e não representam a opinião deste site. Se achar algo que viole os [termos de uso](#), denuncie. Leia as [perguntas mais frequentes](#) para saber o que é impróprio ou ilegal.

[Comentário](#)

Clique aqui e seja o primeiro a comentar

Leia mais



Conheça lugares do Rio em que é possível aprender História e entender o futuro do país

Tanto o nome de batismo do lugar quanto a estátua de Dom Pedro I, com o braço levantado sobre um cavalo, escondem a identidade dos verdadeiros donos do pedaço. Na Praça Tiradentes, no Centro, a revolução é comandada mesmo pelo povo. Se quiser dar uma de herói e imperar no espaço, basta expor uma comidinha sobre a calçada, retirar da bolsa um instrumento de música ou simplesmente jogar o corpo na pista para dançar. E é assim que tem acontecido... Passagem de trabalhadores durante a semana, a área de lazer agora também pode ser chamada de point cultural. Em plena quarta-feira, vejam só,

As mais lidas

1  'Seria o maior erro que poderia cometer', diz namorada de australiano desaparecido sobre uso de drogas

[Publicidade](#)

[Busque no Extra](#)

[CAPA](#) [NOTÍCIAS](#) [PÓLICIA](#) [EMPREGO](#) [FAMOSOS](#) [MULHER](#) [TV E LAZER](#) [ESPORTE](#)

| | |
|-------------------------------------|---|
| Em menos de uma década, mais de dez | animados podem emendar o programa com exposições, peças de teatro e pratos dos estabelecimentos nos arredores (veja ao lado a |
| 3 | |

<http://extra.globo.com/noticias/rio/festa-junina-anima-praca-tiradentes-que-vira-point-cultural-19431136.html>

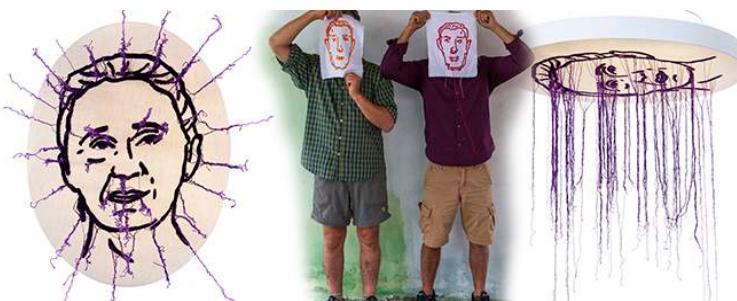
Page 1 of 10

Fonte: <http://www.oglobo.com.br>
 Acesso em: 11 de junho de 2017.

oestadorj.com

Sexta-Feira, 3 de Junho de 2016

Capa Estado País Mundo Comportamento Ciência e Tecnologia Saúde Cultura Esportes Columnistas



Centro de Referência do Artesanato recebe exposição dos irmãos Campana

Mostra com peças desenvolvidas por bordadeiras sergipanas e alagoanas em parceria com designers fica em cartaz até 3 de setembro

Postado em 02/06/2016 às 20:49 por Oerj em [Anotai](#) | 0 Comentários

Print

Como estandartes, bastidores gigantes e suspensos no ar exibem os rostos de suas autoras na exposição Retratos Iluminados, no recém-aberto Centro Sebrae de Referência do Artesanato Brasileiro, CRAB, no Rio de Janeiro. A exposição ficará de 3 de junho a 3 de setembro no local e a entrada é gratuita.

A produção é a materialização da parceria dos irmãos Campana com o Instituto de Pesquisas em Tecnologia e Inovação (IPTI) que, através de um projeto inovador, conecta bordadeiras das comunidades de Sítios Novos, em Sergipe, e Entremontes, em Alagoas. O projeto também tem parceria com o Sebrae e com o Governo do Estado de Sergipe. As comunidades receberam os designers entre janeiro e julho de 2015.

A ideia de confeccionar grandes bordados com os pontos em cruz e redendê que elas usam tradicionalmente em retratos partiu dos Campana. "Quisemos colocar as bordadeiras como protagonistas e que elas mostrassem os seus rostos, como um ato afirmativo", conta Humberto.

"Em vez dos temas tradicionais, propusemos essa mudança, como um gesto de liberdade, como que dizendo que é possível sair do habitual. E além disso, o bordado ganhou uma terceira dimensão", diz Fernando.

Além das imagens das 35 artesãs, há um retrato de Humberto e um de Fernando. "A ideia de suspender os bordados também remete à ideia da paisagem

<http://www.oestadorj.com.br/anotai/centro-de-referencia-do-artesanato-recebe-exposicao-dos-irmaos-campana/>

Page 1 of 4

Fonte: <http://www.oestadorj.com.com>.
Acesso em: 11 de junho de 2017.

Projeto Futuro Jornalista



Cultura



Angry Birds: O Filme em cartaz 'Angry Birds – O Filme', que estreou em maio no Brasil com cópias legendadas e...

[leia mais](#)

VEJA COMO ANUNCIAR!



Ciência e Tecnologia



Jardim Botânico do Rio inaugura projeto de criação de abelhas sem ferrão

Um projeto que tem por objetivo a preservação de abelhas sem ferrão começou a ser...

4.2 A cobertura da mídia na Itália

Na Itália, a exposição “Retratos Iluminados” aconteceu em parceria com o estilista italiano Antonio Marras, na própria loja, a qual é um local de conceito em Milão, com espaço para exposições.

A mídia deu mais enfoque à parceria inusitada entre o estilista e os designers Fernando e Humberto. Conforme registrado no quadro abaixo, esses veículos não compreenderam a importância do projeto e um jornalista até chegou a descrever as bordadeiras como mulheres da favela de Alagoas.

Abaixo registramos num quadro os veículos, as matérias publicadas na mídia impressa e qual sua abordagem de conteúdo.

Tabela 2 – Relatório dos veículos que publicaram o projeto “Fusões e Inserções” na Itália

| Mídia | Veículo | Seção | Foco da matéria | Retrata a importância da preservação da cultura? |
|---------|---------------------|---------------|-----------------------------|--|
| Jornal | Corriere de la Sera | Design | Parceria com Antonio Marras | Não |
| Revista | Living | Design Week | Parceria com Antonio Marras | Não |
| Revista | Manintown | Design | Fernando e Humberto | Sim |
| Revista | Moodboarders | Contamination | Parceria com Antonio Marras | Não |

Elaborado por Ana Paula Moreno.

Figura 15 – Matérias publicadas sobre a exposição “Retratos Iluminados” na Itália, capas e matérias

CAPA

MATERIA



Fonte: Revista do Corriere Della Sera, 4 de abril de 2017.



Fonte: Revista do Corriere Della Sera, 4 de abril de 2017.



Fonte: Revista Manintown, edição junho de 2017.

4.3 Análise do conteúdo da mídia publicada

Conforme constatamos nas tabelas das matérias impressas e digitais publicadas, tanto no Brasil como na Itália, nenhuma mídia se preocupou em levantar a questão do principal objetivo do projeto “Fusões e Inserções” quanto à preservação de um patrimônio imaterial cultural. O foco foi nos irmãos Campana.

Importante ressaltar ainda que o *press release* do projeto “Fusões e Inserções” foi enviado a várias revistas, de diferentes segmentos, mas apenas as revistas de design, decoração e estilo publicaram. Percebemos que o interesse midiático estava nos irmãos Campana e não na questão da importância da preservação da cultura popular e das bordadeiras de Entremontes, missão esta do projeto “Fusões e Inserções”.

Relacionamos a falta de consciência para a questão cultural e a valorização dos designers renomados ao pensamento de Llosa (2013, p. 29), "o que dizer sobre a civilização do espetáculo? É a civilização de um mundo onde o primeiro lugar na tabela de valores vigente é ocupado pelo entretenimento, onde divertir-se, escapar do tédio, é a paixão universal". Escreve ainda que levar esses fatos acima relacionados em valor supremo é uma gigantesca imbecilidade que traz consequências, tais como: a banalização da cultura e da informação, a generalização da frivolidade, o aumento do jornalismo inconsequente que traz a fofoca e escândalos infundados, que consegue despertar no indivíduo desejos contundentes de maneira a produzir comportamentos indesejáveis, encorajando e reforçando um novo estilo de vida.

Segundo Canclini (2013), o popular é o excluído: aqueles que não têm patrimônio ou não conseguem que ele seja reconhecido e conversado; os artesãos não chegam a ser artistas, a se individualizar, nem a participar do mercado de bens simbólicos “legítimos”. O popular costuma ser associado ao pré-moderno e ao subsidiário. No consumo, os setores populares estariam sempre no final do processo, como destinatários, espectadores obrigados a produzir o ciclo do capital e a ideologia dos dominadores.

O popular é nessa história o excluído: aqueles que não têm patrimônio ou não conseguem que ele seja reconhecido e conservado; os artesãos que não chegam a ser artistas, a individualizar-se, nem a participar do mercado de bens simbólicos “legítimos”; os espectadores dos meios massivos que ficam fora das universidades e dos museus, “incapazes” de ler e olhar a alta cultura porque desconhecem a história do saber e estilos (CANCLINI, 2013, p. 205).

O atraso das classes populares se condona à subalternidade. Se a cultura popular se moderniza, como de fato ocorre, Canclini (2013) afirma que isso é para os grupos hegemônicos uma confirmação de que seu tradicionalismo não tem saída: para os defensores das causas populares torna-se outra evidência da forma como a dominação os impede de ser eles mesmos.

Se a cultura popular se moderniza, como de fato ocorre, isso é para grupos hegemônicos uma confirmação de que seu tradicionalismo não tem saída; para os defensores das causas populares torna-se outra evidência da forma como a dominação os impede de ser eles mesmos (CANCLINI, 2013, p. 206).

Principalmente na Itália, o interesse midiático foi grande comprovando o pensamento de Barbero quanto à experiência criativa: existe o reconhecimento das diferenças e abertura para o outro, abolem-se as barreiras que reforçam a exclusão ao aumentar mais o número de emissores e criadores do que os meros consumidores (p. 69). Entretanto, apesar do poder da mídia atingido, o resultado da pesquisa mostrou que as bordadeiras não perceberam alteração em sua condição socioeconômica após o projeto “Fusões e Inserções”.

Embora Lipovetsky e Serroy (2011) observem que vivemos uma era de religamento entre passado e presente, de busca de convivência entre o artesanal e o industrial, no projeto “Fusões e Inserções”, a mídia não se atentou a conscientizar e divulgar manifestações culturais regionais com relação à cultura e memória das bordadeiras de Entremontes. Seria interessante se os meios de comunicação também tivessem considerado as reflexões de Morin (2003) e Burke (2006) quanto à importância da memória e da preservação de uma cultura. A questão é: com a crescente globalização de nossa era, a consequente homogeneização cultural, como se dará a sobrevivência dessas culturas independentes, em que quanto mais o mundo se globaliza, mais particularismos culturais se tornam relevantes e necessários.

A atração que o exótico exerce, pelo menos e, alguns casos, parece estar em uma combinação peculiar da semelhança e diferença, e não apenas na diferença (BURKE, 2006, p. 30).

Debate-se então, se impulsionar a conscientização em preservar a cultura local não é um trabalho em colaboração entre a inovação e os meios de comunicação. De acordo com Castells (2008), o regionalismo cultural busca

regenerar a comunidade local por meio da criação, preservação ou fortalecimento da identidade cultural de um povo que se sente ameaçado, por exemplo, no caso bordadeiras de Entremontes. Elas possuem baixa escolaridade, vivem em situação econômica com baixo poder aquisitivo, com uma condição muito vulnerável a mudanças e de abandono a atividades sem retorno financeiro, principalmente em relação às futuras gerações.

Por isso, também alertado por Lipovetsky e Serroy (2001), a questão da importância em se atentar à questão da preservação cultural, não vale somente para a mídia, mas também para o Estado.

Sublinhemos mais uma vez: não cabe ao estado perpetuar situações de fato e vantagens adquiridas, e funcionalizar os artistas. A ajuda pública não deveria ter outro objetivo senão o de tornar a criação acessível a todos: uma política de urbanização que entregasse as obras mais contemporâneas, mal apreendida pela maioria da população, ou ajudas seletivas fornecidas a tudo o que, mesmo modestamente, trouxesse beleza a vida. E porque a cultura é algo que se aprende antes de apreciar (LIPOVETSKY; SERROY, 2001, p. 180).

5 CONCLUSÃO

Notamos que quando se faz a fusão entre artesanato e design, com a inserção da assinatura de designers renomados mundialmente, as mídias, nacional e internacional, abordam o projeto de uma maneira positiva. No caso das bordadeiras de Entremontes, a criação das luminárias pelos artistas conseguiu elevar o nível de artesanato a uma obra de design e tornar o patrimônio imaterial cultural regional das bordadeiras de Entremontes reconhecido e valorizado, tanto pela mídia como pelos consumidores, as motiva a continuar passando a técnica às futuras gerações, preservando, assim, sua cultura.

Podemos entender que a mídia exerce um papel fundamental em conscientizar e divulgar essas culturas locais. Quanto ao papel do design, constatamos que há mais interesse do público consumidor quando os produtos têm design em vez do produto tradicional.

Barbero (2003) questiona qual seria a nova relação entre a cultura e a comunicação, no mundo atual, global, sem que a diversidade cultural desemboque na fratura do social e num ceticismo radical acerca das possibilidades de convivência no local. Para Barbero (2003), a preservação cultural deve se dar não somente de um passado idealizado, que mantém suas tradições intactas, mas àquela que assume as ambíguas formas e ambiguidades do presente, para buscar seu reconhecimento político e cultural.

Vimos que a visibilidade do projeto “Fusões e Inserções” foi muito mais relevante para os designers irmãos Campana do que para as bordadeiras. As matérias publicadas referentes ao projeto deram destaque aos designers em vez das bordadeiras e de sua cultura regional.

Concluímos, também, que é real a preocupação das bordadeiras com a continuidade do “redendê”, pelo fato de elas possuírem baixa escolaridade e viverem em situação econômica de risco, assim, é latente a vontade de mudar para um outro negócio mais lucrativo, mesmo que este não exista no povoado.

A condição socioeconômica das bordadeiras nos leva a refletir se é devido à falta de perspectiva que, até hoje, o bordado em Entremontes é preservado. Questionamos se é possível melhorar a qualidade de vida da comunidade, criar novas oportunidades de trabalho e garantir que sua técnica artesanal centenária seja mantida ou se teremos que sacrificar o desenvolvimento econômico e social

dessas pessoas para preservar um patrimônio imaterial cultural? Esta é realmente uma questão que vai além deste trabalho, do contexto cultural e invade as políticas públicas com relação à cultura regional. O tempo nos fará ver se um patrimônio dessa natureza terá apoio do Estado para sobreviver.

Segundo Lipovetsky e Serroy (2001), no livro “Cultura-Mundo, apenas uma política mais ampla de redução fiscal para os proprietários privados será capaz de permitir que se mantenha em bom estado o patrimônio nacional, por meio de medidas fiscais incentivadoras, bem como da modernização do estatuto das fundações de utilidade pública.

Apenas uma política mais ampla de redução fiscal para os proprietários privados será capaz de permitir que se mantenha em bom estado o parque do patrimônio nacional não arquivado e se contenha a fuga dos mobiliários e das obras de arte para além das fronteiras nacionais (LIPOVETSKY; SERROY, 2001, p. 175).

Para Canclini (2013), a reprodução das tradições não exige fechar-se à modernização, mas sim trabalhar de forma complementar à economia, e entende-se que as tradições podem ser fontes simultâneas de prosperidade econômica e reafirmação simbólica.

Felizmente, é mundial a preocupação em garantir que a tradição cultural não se extingue e notamos algumas ações nesse caminho. Em outubro de 2003, a *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization* (UNESCO) dedicou sua convenção à questão da preservação de patrimônio cultural imaterial, e fez com que a maioria dos museus considerasse a importância dessa preservação, que traz não apenas o objeto em si, mas seu conteúdo. Em 1987, aprovado pelas Nações Unidas, foi criado o programa para governança cultural, desenvolvido e organizado pelo órgão “United Cities and Local Governments” chamado “Agenda 21 for Culture”, o primeiro documento a considerar cultura como um dos pilares de desenvolvimento sustentável, pois apresenta um potencial de emprego, autoestima de capital social, diversidade cultural, inclusão social e desenvolvimento econômico.

REFERÊNCIAS

- ADAMI, Antonio. **Comunicación y Sociedad brasileña**: Radio y cultura a debate. Historia y Comunicación Social, Universidad Complutense de Madrid, v. 18, p. 503-514, 2013.
- ADAMI, Antonio. **La industria de los medios de comunicación en Brasil, la cultura y los nuevos desafíos económicos y comunicacionales**. Anuario de la Comunicación 2012. DIRCOM: Espanha, v. 1, p. 112, 2012.
- AGENDA 21 FOR CULTURE. Wikipedia. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Agenda_21_for_culture>. Acesso em: 21 jun. 2017
- BARBERO, J. M. **Por uma outra comunicação**: mídia, mundialização cultural e poder. Rio de Janeiro. Editora Record, 2003.
- BURKE, P. **Hibridismo Cultural**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2006.
- BURKE, Peter. Wikipedia. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Peter_Burke>. Acesso em: 20 abr. 2017
- CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução de Heloisa Cintrão. São Paulo: Ed. EDUSP, 2013.
- CREWELL, John W. **Projetos de pesquisa**: Métodos Qualitativo, Quantitativo e Misto. 4.ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- FERNÁNDEZ, César. **Radio y Cultura Brasileña**. (Org.). Comunicando la Cultura y Ciencia recientes. 1ed. Madrid: Vision Libros, v., p. 19-32, 2014.
- GLOBO. Entremontes na vidade de piranhas. Disponível em: <<http://redeglobo.globo.com/globocidadania/videos/v/entremontes-na-cidade-de-piranhas-nucleo-de-bordadeiras-que-faz-o-redende/867090/>>. Acesso em: 20 abr. 2017.
- HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Ed. Centauro, 2004.
- HALBWACHS, M. Wikipedia. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Maurice_Halbwachs>. Acesso em: 12 out. 2016.
- HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. 2006.
- HOWKINS, J. **Economia Criativa Como Ganhar Dinheiro com Ideias Criativas**. São Paulo: Ed. M. Books, 2012

- HOWKINS, J. Wikipedia. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/John_Howkins>. Acesso em: 12 set. 2017.
- IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br>>. Acesso em: 12 set. 2017.
- IPTI. <<http://www.ipti.org.br>>. Acesso em: 12 out. 2016.
- KIN, Robert K. Wikipedia. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Robert_K._Yin>. Acesso em: 20 abr. 2017
- LIPOVETSKY, G; SERROY, J. **A cultura-mundo:** resposta a uma sociedade desorientada. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2011.
- MARRAS, Antonio. Wikipedia. Disponível em: <https://it.wikipedia.org/wiki/Antonio_Marras>. Acesso em: 21 jun. 2017
- MORIN, Edgar. WIKIPEDIA. 2003. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Edgar_Morin>. Acesso em: 12 out. 2016.
- OGDEN, Sherelyn. **Understanding, Respect, and Collaboration in Cultural Heritage Preservation:** A Conservator's Developing Perspective. Library Trends. 2007.
- OLIVEIRA, Madalena. **The radio in Brazil: The size of the medium and the current stage of research.** (Org.). ECREA. 1ed. Londres: Editora da Universidade de Cambridge, 2016, v. 1, p. 2-12. 4.
- RINAUSAUKIENE, Erika; SUMYLE, Diana. **The role of traditional crafts in safeguarding cultural heritage.** Lithuanian Institute of Agrarian Economics. 2016.
- SANDE, Manuel; CRIADO, L. Fidel. **La teoria de las adaptaciones literarias y la sonosfera digital.** (Org.). Programa XVII CILEC. 1 ed. La Coruña: Andavira, v. 1, p. 1-15, 2016.
- SEBRAE. **Bordadeiras do semi arido nordestino é tema do Programa da Rede Globo.** SEBRAE. Disponível em: <<http://www.al.agenciasebrae.com.br/sites/asn/uf/AL/bordadeiras-do-semi-arido-nordestino-e-tema-do-programa-da-rede-globo,49cb4db9ccd87410VgnVCM1000003b74010aRCRD>>. Acesso em: 12/10/2016
- SEBRAE. **Quem Somos.** Sebrae. Disponível em: <http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/canais_adicionais/conheca_quemsomos>. Acesso em: 21 mai. 2017.
- SENNETT, R. **The Craftsman.** Publication Data. The United States, 2008

SENNETT, Richard. Wikipedia. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Richard_Sennett>. Acesso em: 20 abr. 2017

VARGAS LLOSA, Mário. **A civilização do espetáculo: uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

VERGARA, S.C. **Métodos de pesquisa em administração.** São Paulo: Atlas, 2005.

YIN, K. Robert. **Pesquisa quantitativa – apresenta a pesquisa qualitativa por uma perspectiva prática, revelando percepções de como se faz uma pesquisa qualitativa no nível básico.**

YIN, R. **Estudo de Caso:** Planejamento e Métodos. Tradução Christian Matheus Herrera, 5^a, edição. Porto Alegre: Bookman, 2015

YIN, R. **Pesquisa quantitativa do início ao fim.** Porto Alegre: Penso, 2016.

APÊNDICES

Apêndice A: Diário de viagem

Dia 26 de dezembro de 2016

O voo de São Paulo a Aracaju demorou duas horas e meia. Quando cheguei ao aeroporto de Aracaju, estava o Saulo do IPTI me esperando para as boas-vindas, com um forte abraço. Logo em seguida, o Sr. Manuel, motorista, nos levou a Entremontes. Escutamos, durante o percurso, uma banda de rock local, indicação do vídeo-maker, Cleiton.

A estrada é mão dupla o caminho todo, mas muito mal sinalizada. Passamos por diversas cidades pequenas, com casinhas de comércio, à beira da estrada. São três horas de estrada até chegar ao município de Piranhas, e outros 40 minutos de estrada de terra até Entremontes.

Chegamos no povoado às 19 horas e o ar estava fresquinho. A cidade é linda, toda cuidada, encantadora. Deixamos a mala na pousada e fomos jantar na Dona Lourdes da Silva Correa Bezerra. Não havia ninguém na rua, apenas cabritos e um burro que andava solto.

Dona Lourdes começou a bordar aos 7 anos de idade. Aprendeu com sua mãe e começou a bordar para ajudar na renda da família. Naquela época não havia a associação e cada bordadeira trabalhava de sua casa. As peças de bordado eram vendidas por comerciantes da região que vendiam em feiras. Essas comerciantes forneciam o tecido, a linha e o material para costura e as bordadeiras trabalhavam. As comerciantes pagavam tão pouco que, com seis meses de trabalho, conseguiam comprar apenas um bolachão, que era dividido entre todos os irmãos. Em 1989, as bordadeiras abriram um espaço onde pagavam aluguel e juntavam para trabalhar. Em 2004, a associação veio para o centro da cidade, em uma casa muito linda. Hoje, elas próprias administraram seu bordado. “Conseguimos fazer uma feira”, diz Dona Lourdes. O Sebrae chegou para dar cursos de empreendedorismo, fazer preço, vendas, etc. Dona Lourdes aproveitou muito bem desses cursos e abriu seu restaurante em 2000. O local existe até hoje e foi reformado em 2012.

D. Lourdes também abriu sua loja de bordado em 2014. Ela vende os bordados de mais de 30 mulheres na cidade, daquelas bordadeiras que não têm tempo para frequentar a associação, a qual tem regras.

Dia 27 de dezembro de 2016.

Às 8h30, eu e Cleiton fomos tomar café da manha na Dona Lourdes e as 10 horas fomos até a associação das bordadeiras. Algumas estavam nos esperando, outras chegaram na parte da tarde. Ficamos conversando com elas, as observando bordar e conversar entre si.

Às 13 horas fomos almoçar na Dona Lurdes. Todos os dias tinha farofa, ovo frito e salada. De sobremesa, uma fruta. Nesse dia, estava muito calor, por volta de 35 graus, então eu e Cleiton fomos dar um mergulho no rio São Francisco. À beira do rio estavam os homens da cidade conversando.

Na parte da tarde continuei conversando com as bordadeiras sobre assuntos gerais enquanto o Cleiton foi gravar cenários do povoado. Por volta das 19 horas, fomos jantar no restaurante da Dona Lurdes e convidei uma família de bordadeira para jantar conosco. O jantar durou cerca de três horas e conversamos sobre o dia a dia deles em Entremontes, histórias da cidade, sonhos para os filhos, etc. Após o jantar, estava tendo a reza do terço para os homens, uma cerimônia linda, da qual me deixaram participar. Ficamos até as 21 horas. Depois eu e Cleiton fomos tomar uma cachaça local.

Dia 28 de dezembro de 2016

Foi o dia das entrevistas. As bordadeiras chegaram arrumadas, maquiadas. As entrevistas aconteceram das 10 às 17 horas. À noite novamente jantar na Dona Lurdes e, depois, fomos nas casas das bordadeiras onde ficamos conversando até meia-noite.

Dia 29 de dezembro de 2016

Eu e Cleiton acordamos às 7 horas para pegar carona com a perua escolar até a cidade mais próxima, onde o primo do guia turístico da cidade, o Cícero, nos buscou para nos levar até o aeroporto de Aracajú, para voltar para São Paulo.

CURIOSIDADES

Todas as mulheres na cidade bordam. Desde pequenas as mães forçam suas filhas a aprenderem a técnica e assim garantir que elas consigam alguma renda para elas no futuro. Mesmo as mulheres que possuem emprego acrescentam sua renda com venda de bordados.

O povoado é pequeno, com cerca 600 habitantes. As opções de trabalho são nos postos da prefeitura (escola, cartório, correio, posto de saúde e como gari), e a abertura do seu próprio comércio. Os estabelecimentos comerciais são poucos, sendo sete lojas de bordado, dois restaurantes à beira do rio, um mercadinho, duas padarias e um pousada. Os homens saem para procurar emprego, mas as vagas são em cidades distantes, onde não conseguem levar suas famílias devido ao alto custo da viagem.

As casas são grudadas umas às outras, logo não têm janelas nas laterais. Com isso, fica muito quente para ficar dentro da casa, e as pessoas ficam à frente de suas casas, sentadas em uma cadeira de balanço típica. Os homens ficam sentados conversando e as mulheres bordando.

A geração de mulheres de 50-60 anos se recorda de como eram miseráveis em suas infâncias e como, através do bordado, hoje têm condições de alimentar suas famílias.

Há muitos homens desempregados na cidade e eles esperam ser chamados pela próxima gestão da prefeitura. De novembro a março é período de desova e os homens não podem trabalhar.

Link para o vídeo no Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=L9DEfSLCJo>

Apêndice B: Transcrição das entrevistas com as bordadeiras

ENTREVISTA COM EDNA BEZERRA

D: Qual seu nome?

L: Ediana Bezerra Fontes.

D: Qual sua data de nascimento?

L: 11/09/1981

D: Você é brasileira?

L: Sim.

D: Você é casada, solteira...?

L: Solteira.

D: Tem filhos?

L: Um.

D: Menino ou menina?

L: Menino.

D: Quando que você aprendeu a bordar?

L: Eita.... Desde pequena ((risos)).

D: Tinha quantos anos?

L: Acho, mais ou menos, 11, 12.

D: E como você aprendeu?

L: Vendo minha mãe bordar.

D: Ela te ensinou ou você aprendeu sozinha?

L: Não, aprendi sozinha ((risos)), assim, olhando, né, e aprendi sozinha, né.

D: E há quanto tempo você faz parte da associação?

L: Desde quando começou. Acho que uns... 15, 16 anos... ((risos)).15

D: O que você achou que mudou na associação depois que o IPTI fez o projeto aqui?

L: Melhorou por conta que a gente tinha bordado, tinha gente... que não sabia fazer... desenho, né. A gente nunca imaginava ((risos)) que ia..., né. Aí mudou de relação a isso, por conta que... as caras que a gente nunca imaginou bordar ((risos)), né. Nossa... nossas caras e....

D: Você gostou? Achou bonita a luminária?

L: Achei. Gostei muito.

D: E como foi trabalhar com os Irmãos Campana?

L: Foi legal... Foi interessante.

D: Do que você gostou?

L: Então, por conta desse...é... das caras mesmo, né, que a gente, talvez, não imaginava fazer isso. Eu achei achei diferente, né. Bordado da gente. Achei diferente... interessante.

D: Você tem medo que o bordado se acabe?

L: Sim.

D: Tem?

L: Uhum.

D: Você pretende ensinar bordado para as outras...?

L: Pretendo. Para não acabar, né? Para não.... perder essa... coisa tão maravilhosa que eu acho ((risos)). Porque tem gente que não se interessa, né. Outras...essas pessoas novas, né... não se interessa muito.

D: E se você pudesse sugerir uma ideia para ajudar a preservar o bordado?

L: ((L demora pra responder)) Eu sugeria sim.

D: Você tem alguma ideia? Alguma coisa que vem em mente?

L: Ah..mais agora mesmo...((risos)).

((L demora um pouco para retomar)) Não tenho em mente não.

ENTREVISTA COM SILVANA ARAUJO SARMENTO

D: Qual seu nome?

L: Silvana Araújo Sarmento.

D: Qual sua data de nascimento?

L: 13 de janeiro de 1971.

D: Você é brasileira?

L: Sou.

D: Qual seu estado civil e quantos filhos você tem?

L: Agora sou solteira, né. Eu dois filhos, um filho e uma filha.

D: Quando aprendeu a bordar?

L: Eu aprendi a bordar assim, eu via a minha mãe fazendo ponto-cruz. Aí, eu fui olhando, olhando, observando... Aí, minha mãe deixava um cestinho que ela tinha cheio de linha, de toda cor. Aí, eu... a gente pegava escondido dela. Aí, eu levava pra um prima que tinha ((LF acrescenta algo no 00:36 da primeira parte da entrevista, mas não dá para entender)) que gostava bastante, aí ficava fazendo esse raminho. Depois a minha prima falou assim: 'prima ali tem uma senhora dá uns bordado pra fazer, vamos pegar escondido'. Eu disse: 'vamos'. Nós pegamos o bordado dessa senhora, era até uns... chamava 'toalhinha de rosto'. Aí, fizemos as toalhinhas de rosto. Aí eu disse: 'você faz um desenho que eu faço outro para ser dividido igual. Aí eu peguei, fui fa..., ela fez e eu fui fazendo os ponto-cruz... e depois entregamos. Aí, daí surgiu o "redendê", e foi surgindo o "redendê", aí minha mãe ia fazendo...'

D: Quantos anos você tinha quando começou a fazer arte com o bordado... a pegar as coisas...?

L: Eu acho que já tinha uns 8 anos... 8 anos, por aí.

D: O que você acha que mudou na associação com o projeto com o IPTI?

L: Eu achei assim melhor um pouco, né. Também eles trouxeram uma detalhe que a gente achava anormal, eu achava tão anormal assim, devido a gente só fazer, acostumada naquele rendendê básico, aí eles vieram com outro... com outros motivos ((não sei se essa é a palavra certa que a LF fala no minuto 00:39 do segundo áudio dessa entrevista)) diferente que a gente não faz que eu acho que até riu da gente, a gente não põe no papel, só põe

pano. Não punha no papel e eles já trouxeram no papel para gente passar pro pano. Para umas pessoas foram difícil, para mim não foi não porque eu sempre fico... tentando. Eu achei rápido assim... eu achei só ruim... um besouro que tive... que eu fiz ele, tirei do papel, quando eu fiz ele ficou cumprido, não ficou redondinho como tinha que ficar com a barriga redondinha, aí eu fui desmanchei... não falei com raiva não... desmanchei aí uma moça chamada Fátima foi e fez e ele ficou barrigudinho... é devido a trama do pano. Eu fiz de um jeito, ele ficou cumprido, aí eles a.... aí as moças falaram assim...a Renata... Renata não... Florzinha falou assim: 'ficou cumprido', aí a Adriana também achou que ficou cumprido, aí eu desmanchei, a Fátima fez, e ficou a barriguinha bem redondinha, ficou bonitinho.

D: Mas a senhora está usando o papel hoje, não?

L: Hoje não, mas eu falei assim: 'eu vou comprar um caderno daqueles que já vem traçado a geometria... Por que eu esqueço o nome daqueles papéis? Como é o nome...? Porque quando eu quiser inventar um modelo eu vou contando de quadrinho por quadrinho como eu faço no pano, vou contando no papel e vou pintando e monto o desenho.

D: E como foi trabalhar com os Irmãos Campana?

L: Eu até falei assim: 'eles são os Irmãos Montana', eu falei. Aí a menina falou assim: 'é não, é os Irmãos Campanas'. Um dia um dia veio um, depois veio os dois. Achei legal, achei assim eles tão calmos, né era assim. Agora sabe eu acho eles meio calmo, só que eles têm uma inteligência grande. Só pelo rosto que eles fizeram da gente. O meu eu não achei parecido comigo não, agora o das meninas eu achei bastante parecido, o da Bela, ((acho que ela diz comadre)) Ana, e outras meninas... Logo que a gente viu eu falei assim: 'ali é Bela, ali é Ana'. Ai eu fui dizendo o das outras meninas. Eu achei estranho. Uma moça falou assim: 'você ficou com o rosto parecido do seu tio'. Eu falei assim: 'mas é gente' (risos). Assim mesmo eu bordei ele, bordei dois, bordei o meu e bordei de um dos Irmãos Campanas. E a outra moça Elisa foi e bordou o outro.

D: A senhora achou bonita a luminária?

L: Achei, achei lindo.

D: A senhora tem medo que o bordado acabe?

L: Eu tenho medo, porque hoje em dia a juventude não se liga muito, né. Se conta o jovem que quer bordar. Aí é arriscado, né, perder a tradição... que já vem de mãe para filha aí...

D: A senhora pretende ensinar o bordado para outros familiares?

L: Eu estou ensinando para uma sobrinha minha, que eu não tenho né... das minhas irmãs quem não tem neto sou eu, aí eu tô ensinando uma sobrinha minha, devagarzinho eu vou ensinando, por exemplo, a linha aberta, aí quando ela tá enjoada fala assim, que eu sou madrinha dela: 'eu não vou fazer mais não, madrinha'. Ai eu digo: 'deixa pra outro dia'. Ai no outro dia, eu venho um pouquinho, aí eu boto ela pra tecer, aprender a tecer, eu corte o desenho e mando ela ir tecendo devagarzinho para aprender. Aos poucos, né... Tem que ter paciência.

D: O que a senhora poderia sugerir para ajudar pra prevenir que o bordado não se acabe? Tem alguma ideia?

L: Assim era boa ter... umas... começando a fazer assim tipo aula, né. Chamar umas crianças a partir de oito anos, de sete é muito pequena ainda, de oito anos acima. Eu acho que devia fazer isso... botar elas para aprender aos pouquinhos e ir aprendendo.

ENTREVISTA COM MARIA DE LURDES

D: Qual o nome da senhora?

L: Maria de Lurdes da Silva Corrêa Bezerra

D: Quando a senhora nasceu?

L: Eu nasci no dia 7 de setembro de 1967.

A senhora é brasileira?

L: Sou.

D: É casada, solteira...?

L: Sou casada.

D: Tem filhos?

L: Tenho.

D: Quantos?

L: Dois.

D: Quando a senhora aprendeu a bordar?

L: Desde da...de...7 anos.

D: E como a senhora aprendeu a bordar?

L: É... a minha mãe, a minha mãe bordando. E eu comecei a curiar, porque na época ela não tinha tempo... de ensinar, porque o tempo era muito pouco e tinha que produzir...o... trabalho e eu ficava curiando, que nem minha neta hoje fica curiando. E aí eu rasgava o tecido e foi com o ponto que ela se enjoou tanto deu ficar rasgando os pedacinho de tecido que começou a me ensinar.

D: E a senhora tem medo que o bordado se acabe?

L: Tenho.

D: Tem, por quê?

L: Porque é uma coisa que tem ser valorizada e, cada dia mais, nós temos que incentivar... a... as crianças, né. Não que era elas pare de estudarem, mas que estudem e continuem levando a nossa arte...em frente.

D: A senhora vai ensinar os familiares a bordar?

L: Eu já ensino.

D: E o que a senhora poderia sugerir para preservar o bordado de Entremontes?

L: É...eu o que eu sugiro é que pra incentivar mais as pessoas. É...não mais por necessidade, mas por uma arte, que tem que ser bem explorada ela. Temos que ter mais criatividade. É... e colocando mais nossa cabeça pra funcionar. Saber o que é que o pessoal tá...o querendo mais. Não perder o foco desde quando surgiu o bordado, né. Os nossos tecido antigos... E, hoje, procurando mais tecidos que o... pessoal se agrade, como na forma do uso dentro de casa, na forma de como como se vestir, né. E ir criando mais ideias e colocando nossa mente para funcionar, como hoje tem muita facilidade, tem o whatsapp, né, o facebook... Tem esse esse negócio aí que não sei me falarem direito muita coisa... E nós e... estudando ideias que eles têm lá em outros pontos e nós colocando da gente pra ir valorizando em cima de algum detalhes que eles tenham, né. Não o mesmo bordado, o nosso bordado que ele vá ((ela diz algo como a palavra 'mais')) crescendo... de uma forma que nós não perca o foco... que nós... da nossa região, mas que valorizado do estilo que eles gostem. Não saindo do nosso bordado, só o modelos que eles se agradem... para que nunca perca, né. E... o pessoal da nossa região que se adapte. Não só porque diga bem assim: 'não é necessidade'. Não, é uma arte que tem que ser bem explorada. Nós que

fazemos ela. Não o preço caro. Mas explorada em modo de criar, de criar um estilo que... não perca nunca a nossa habilidade, que para mim não é só um ponto de sobrevivência, é um ponto, uma arte, que eu gosto muito de me jogar e criando e incentivando também as outras pessoas, que não é só um bordado, mas é uma criatividade. Como um pintor, né, que é um artista em pintura e começa a jogar e ir criando.... e olha pra uma paisagem e já cria uma pintura. E nós hoje vendo o nosso bordado e nós indo criando. E eu tenho como uma arte, eu não tenho ele um bordado. Não, é uma arte. E nós temos que cada dia mais... Eu passo para todo mundo a gente não é só por sobrevivência. 'Não que eu vou costurar porque precisa'. Não, nós vamos trabalhar com amor, no nosso coração, e colocar como uma arte. Nós somos mulheres rendeira, mas mulher que cria artes... que valoriza. Eu tenho meu ponto de vista esse. E se for para mim ir até o fim, eu vou até o fim, mas não porque sobrevivo, não. Vamos valorizar nossa arte. Que é o nosso foco, na nossa região é o nosso bordado, que ele não tem que ser acabado e nem ver ((acredito que LF queria falar 'viver' aqui)) só por bordado, nem ver ((acredito que LF queria falar 'viver' aqui)) só por necessidade. 'Não porque eu preciso fazer um paninho pra ganhar... uma coisinha'. Esse ai de ganhar uma coisinha foi um antigamente, que nós trabalhava e não sabia nem o que era borda ((quer dizer bordar)). Trabalhava pela fome, pela miséria que era triste. Hoje, as crianças elas bordam por quê? Elas não sabem se necessita de vender aquele bordado para compra ((quer dizer comprar)) um açúcar, pra compra ((quer dizer comprar)) um...um... pedacinho de sabão... Eles bordam porque vê quem? A gente bordando e chegar na nossa porta os turista, que é os nosso cliente, que vem a nossa porta... turista... vem pessoas que quer na sua... no seu próprio comércio... é forrar sua mesa, né, forrar sua cama, hotel, restaurante, lanchonete, pessoas que quer valorizar vem aqui e nós compra e ele vê esse pessoal chegar, tirar foto. 'Ah, eu vou levar pra para fazer uma encomenda'. Ai eles chegam diz: 'vou bordar também pra vender que vai chegar alguém que vai comprar'. E, antigamente, a...a... 30 anos, 30 não, a 40 e poucos anos atrás, no tempo que eu comecei, eu trabalhava não era porque fosse uma arte, eu trabalhava pela fome, pela miséria que era grande. Do tamanho da minha neta, hoje, ela tem quatro anos, já tá com 5 anos, ela hoje trabalha porque vê nós trabalhar, mas quando eu comecei a trabalhar para ver, entender, era pela fome, não era por eu saber que hoje que eu valorizo porque é uma arte. Trabalhava pela fome e por isso que eu valorizava, sonhava muito... sonhava tanto que hoje eu tenho meu próprio negócio. Eu... aqui não é só meu é das, das bordadeiras também, uma associação, né, uma loja própria da gente, das nossos esforços e do compromisso que estamos levando a nossa arte em frente.

ENTREVISTA COM ANALIA OLIVEIRA LISBOA

D: Qual seu nome?

L: Analia.

D: Analia de quê?

L: Oliveira Lisboa.

D: Quando você nasceu?

L: 13/02/1959.

D: Você é brasileira?

L: Sou.

D: Qual seu estado civil? Você é casada, solteira?

L: Casada.

D: Quantos filhos você tem?

L: Oito.

D: Quantos homens e quantas mulheres?

L: Quatro homem e quatro mulher.

D: Quando você aprendeu a bordar? Quantos anos você tinha?

L: Dez anos. Eu fazia o... o ponto cruz. Aí quando chegou o “redendê”, eu comecei a... a aprender o “redendê” e... faço o ponto-cruz e o “redendê”.

D: Como você aprendeu? Alguém te ensinou?

L: Ninguém... Eu olhando a minha mãe fazer aprendi o... o ponto-cruz. E o “redendê”, quando chegou aqui, a gente tentemo, tentando a... a olhando as outra a fazer, aprendi também.

D: Antes não tinha o “redendê” aqui, só tinha o ponto-cruz?

L: Era... antes.

D: E quem que trouxe?

L: Foi uma tia minha de... ((L falou muito baixo e não deu para entender de onde era a tia))
Aí começou o pessoal a aprender, até as crianças aprendeu também.

D: Há quanto tempo você faz parte da Associação?

L: Desde o início... dezesseis anos.

D: O que mudou na Associação depois daquele projeto do IPTI? Mudou alguma coisa?

L: E... foi uma negação, né, eu achava que ia melhorar, mas... parou quando terminou... o projeto, parou... a gente não recebe encomenda e... Foi bom quando... tava as meninas trabalhando aqui com a gente, os dois anos, mas depois que quando elas saíram, não teve retorno.

D: E mudou alguma coisa na sua vida particular?

L: ((L demorou um pouco para responder)) Mudou... ficou melhor um pouco ((risos)).

D: Como foi trabalhar com os Irmãos Campana?

L: Eu achei... achei bom, né, que eles são umas pessoas simples... que tem alguém que chega aqui a gente já vê que há diferença e eles... pessoas simples, calma.

D: A senhora gostou das luminárias?

L: Gostei.

D: O que a senhora gostou das luminárias?

L: Eu pensava que ia ficar feio. Quando gente começou eu disse: 'vixi, vai ficar feio', mas quando terminou tudo que a gente botou os... as linhas, que pendurou, eu achei que ficou bonito.

D: A senhora tem medo que o bordado se acabe?

L: Eu acho assim eu assim não tenho muito medo... mas eu acho que... devia ter mais uma... incentivar mais as criança, né, que tem algumas criança que quer aprender e outras não querem aprender. Aí a gente faz mais medo ((não estou certa se L fala exatamente isso no minuto 3:10) por isso, né.

D: A senhora tem alguma sugestão pra...? A senhora ensina pra filhas e netas?

L: Ah não, as minhas filhas todas já sabem.

D: E as netas? Tem netas?

L: As netas já sabem também. Tem três neta. Elas já sabem.

D: E o que a senhora poderia sugerir para ajudar a preservar o bordado?

L: Eu achava que assim ficava mais... seguro se... tivesse assim uma aula... tivesse assim um projeto, tivesse uma aula que trouxesse as criança pra aqui. Até aqui mesmo dá para as pessoas ensinar, ter uma pessoa pra ensinar, podia até ser que elas ficassem mais... esperta, né. Tem muitas que já é grandinha, dez anos, onze ano, não quer. Como tem algumas que antes, que... nova, oito, nove anos que já sabia fazer alguma coisa. E hoje tem algumas que não... [sabem =

D: [e elas querem aprender?

L: = não quer, as vezes, sabe e não quer, né. Eu acho que quer que teve um projeto de uma Maria Amélia aí que até a Roseane ficou nesse projeto e tinha um bocado que... os dias que passou esse projeto elas estavam até mais ou menos. Aí, quando acabou, que foi poucos dias, aí elas parou. Até adulta mesmo que não... que não sabia fazer o “redendê”, até tinha umas adultas também que estavam também nesse projeto, mas eu acho que... o... aprenderam pouco, que foi pouco tempo também, né. Mas tinham umas que tinha vontade, umas não... que é poucas pessoas que tem aqui, né, em Entremontes que não sabe fazer, mas não procura porque... eu acho que é porque não quer, não se interessa, porque se se interessasse a aprender são uma cabeça boa é só olhar uma pessoa a fazer, como eu aprendi, aí aprende.

ENTREVISTA EDNA BEZERRA DA SILVA

D: Qual o nome da senhora?

L: Edina Bezerra da Silva

D: Quantos anos a senhora tem?

L: Quarenta e quatro.

D: A senhora é brasileira?

L: Sim.

D: A senhora é casada, divorciada... tem filhos?

L: Sou casada.

D: Quantos filhos a senhora tem?

L: Três.

D: Como a senhora aprendeu a bordar?

L: A minha mãe me ensinou... quando eu era criança, a partir de oito anos, ela começou a me ensinar, mas eu não muito gostava de bordar, eu era preguiçosa. Não agora, né. Mas é o que tinha para fazer, né, era o bordado, aí eu fui me habituando a ter que aprender... a bordar.

D: E demorou muito para aprender?

L: Ah, demorou um pouco, porque eu começava fazia um pouquinho e depois eu parava, guardava. Ai minha mãe: 'Edina, o bordado'. Aí lá ia eu pegar de novo o bastidor. Mas aí quando eu comecei, aprendi, aí comecei a gostar, né, aí continuei até hoje.

D: E faz quanto tempo que a senhora faz parte da Associação?

L: A de tá com dezesseis anos.

D: O que a senhora achou que mudou depois do projeto com a vinda do IPTI aqui?

L: Olha, eu mesmo, é... não, para mim mesmo não mudou nada, porque assim a gente fez algumas peças, né, e... teve divulgação e tudo lá em São Paulo, mas não teve retorno aqui para a Associação. Aí, não mudou nada, né. Espero que ainda, ainda, né, muda alguma coisa. Mas até aqui não mudou nada.

D: E como foi trabalhar com os Irmãos Campana?

L: Olha, foi bom trabalhar com eles, porque assim a gente aprendeu coisas novas, né, que a gente não sabia, eles são umas pessoas muito ágil, muito, né, e assim ensina muitas coisas e a gente aprende com a sabedoria deles, a gente aprende, né, a gente aprendeu muito assim com eles. É que a gente tem que ser uma pessoa ágil, que tem que aprender outras coisas que tem que, né, que abrir outros caminhos, não só o que a gente tem por aqui, o que a gente faz, né, mas aprender outras coisas.

D: A senhora gostou das luminárias?

L: Gostei, achei muito bonitas.

D: A senhora tem medo que o bordado se acabe?

L: Olha, assim a gente tem por conta das crianças, que antes a gente assim agora as crianças são preguiçosas, que a gente diz assim, né, mas a gente era, nós éramos também, mas agora elas são mais assim elas não querem mais nada com a vida, com o trabalho, com... 'Ah, não quero bordar não'. A gente chama para bordar: 'ah, eu não quero bordar não, eu não quero fazer isso não, vixi, quero fazer outra coisa'. Só que assim, aqui como o lugar é desse jeito, né, só tem o bordado mesmo pra gente... é aprender, pra gente fazer, o trabalho da gente é esse, a gente queria que eles aprendessem, mas com esses telefones todo, com esse zap zap, as crianças só querem tá no telefone, aí deixa o bordado de lado, mas assim com jeitinho elas vão... né, a gente teme o bordado acabar se a gente... se elas não quiserem realmente fazer, porque a gente, as mais velhas vão deixando, né, vão morrendo...vão... e outras não dá mais pra trabalhar por conta da vista, aí se assim eles eles não não quiserem fazer, hein, aprender, aí como é que a gente vai... que eles vão pra frente o bordado, acho que vai acabar...((ela falou algo mais no minuto 3:30, mas sua pergunta dificultou o entendimento))... por conta disso.

D: Até quantos anos uma pessoa consegue bordar?

L: Olhe, depende, porque tem gente que trabalha até cinquenta, sessenta anos e outros já não conseguem, porque assim... o problema da vista de um não é de outro, né. As vezes, tem algum problema que tem que fazer cirurgia e tudo e depois daquela cirurgia não pode mais trabalhar, aí vai dependendo do problema de cada um, da vista de cada um, porque sempre assim você vê por aqui, dificilmente você vai ver uma bordadeira que não esteja de óculos, né. Eu dizia: 'eu mesmo não vou fazer curso ((não tenho certeza se é essa palavra, a fala estava ruim)) de vista não, porque eu não gosto de usar óculos'. Mas aí chegou um dia que eu tive que pra mim bordar, eu tive que fazer a consulta. Aí eu uso na hora que vou bordar, aí quando chego em casa tiro, aí pronto, é assim (risos).

D: A senhora pretende ensinar o bordado pra filhas e netas?

L: Pretendo. As minhas filhas já sabem, né. Eu tenho duas. Elas já são grandinhas o suficiente pra para saber, eu já ensinei a elas com trabalho pra ensinar, mas aprenderam. Agora as netas, eu já tentei, tentei e já disse as mães delas: 'vocês mande essas meninas bordar, porque se mais tarde e aí como é que vai ser, como é que elas vão levar para frente o que a gente fez antes, o que elas viram a gente...nasceram viram a gente... viu a gente fazendo, como é que elas vão... colocar para frente? Nós vai morrer o nosso trabalho'. Ai a minha filha mais velha disse: 'ah, mãe eu não tenho paciência'. Eu digo: 'traga ela pra cá que eu ensino a ela'. Eu tenho paciência. As minhas colegas dizem: 'deixa... traga ela pra cá.. que Edina ensina'.

D: E o que a senhora pode sugerir para ter certeza que não vai acabar... ajudar a preservar o bordado?

L: Olha, eu acho assim fazendo um projeto, né, de uma escolinha para a gente ensinar elas a fazer o bordado, assim com, assim não vai ser uma escola, aquela rígida, né, com dinâmica, com muita coisa assim, eu acho que elas vão...né, tendo...tomando gosto da coisa como o pessoal fala aqui e vai aprendendo. E depois quando elas forem crescendo vai ser uma coisa que que é o que elas têm para fazer, o trabalho, enquanto arrumar alguma coisa, uma estuda, né. Depois que estudar arruma algum trabalho, aí pode ser que deixe, mas depois que toma gosto, mesmo trabalhando, não quer deixar de bordar. Que eu tenho algumas colegas que têm outros trabalho, mas que nas horas vagas tão lá no bastidor bordando.

Apêndice C: Quadro resumido da entrevista com as bordadeiras

| | | | | |
|---|---------------------------------------|---|--|--|
| Nome e idade | Diana Bezerra 45 anos | Silvana Sarmento 45 anos | Anália Lisboa 58 anos | Edna Bezerra da 44 anos |
| Quando aprendeu a bordar | Com 11-12 anos | Com 8 anos | Com 10 anos | Com 8 anos |
| Como aprendeu a bordar? | Vendo a mãe bordar, aprendeu sozinha | Vendo a mãe fazer ponto-cruz, aprendeu sozinha | Vendo a mãe aprendeu o ponto-cruz e depois a tia trouxe o “redendê” | A mãe ensinou a bordar |
| Ha quanto tempo faz parte da associação | Há 15 anos | Há 16 anos | Há 15 anos | Há 16 anos |
| O que mudou na associação após IPTI | Foi bom, trouxe coisas novas | Trouxeram detalhes diferentes, do processo de papel | Foi uma negação, não recebe encomendas. Os anos com as meninas foram bons. | Não mudou nada, pois não teve retorno para a associação |
| O que mudou em sua vida apos o IPTI | Melhorou porque aprendeu novo desenho | Vai aplicar a técnica | Ficou melhor um pouco | nada |
| Como foi trabalhar com os Campana | Legal, interessante | Legal, são calmos e com inteligência | Bom, são simples e calmos | Bom, aprendemos coisas novas |
| O que achou das luminárias | Bonita, diferente | Gostou, achou linda | Gostou, mas achou que fosse ficar feio | Sim, achou muito bonitas |
| Tem medo que o bordado acabe | Sim | Sim | Não | Sim, mas nós éramos preguiçosas também, mas não tinha telefone antes |
| Pretende ensinar o bordado a familiares | Sim | Sim, já ensina | Todas já bordam | Todas já bordam |
| Sugestão para contribuir à preservação do bordado | - | Aula para as crianças | Incentivar mais as crianças | Aula para as crianças |

Fonte: Pesquisadora.

ANEXOS

Anexo 1: Apresentação dos designers

Fonte: Estúdio Campana

Os designers brasileiros Fernando e Humberto Campana foram escolhidos para participar do projeto “Fusões e Inserções” por possuírem um papel de destaque no design contemporâneo e serem reconhecidos por diversos prêmios ao longo de toda a carreira (Designer do Ano na Design Miami em 2008, na Maison & Objet em 2012, Ordem de Artes e Letras do Ministério da Cultura na França, Ordem de Mérito Cultural em Brasília, listados pela Forbes no top 100 das personalidades mais influentes no Brasil em 2013, selecionados pela Wallpaper no top 100 do design no planeta, etc.) e por suas obras integrarem coleções permanentes de museus como o Georges Pompidou, o Museu de Artes Decorativas, na França, o MoMA, nos Estados Unidos, o Museu Vitra, na Alemanha, e o Museu de Arte Moderna, em São Paulo, entre outros.

Criados em Brotas, cidade localizada a 240 quilômetros de São Paulo, receberam as influências da vida interiorana e da indústria cultural que começou a se expandir lentamente pelo país a partir dos anos 1960.

O trabalho da dupla despontou em 1989, com a exposição Desconfortáveis, na qual cadeiras de ferro esculturais contestavam o cânone do conforto e anunciam a irreverência e o humor que marcaria toda a produção do futuro, nas eiras e beiras do artesanato, do design e da arte.

O reconhecimento veio no fim dos anos 1990, com a mostra no MoMA (Museu de Arte Moderna de Nova York), com a curadoria de Paola Antonelli. A carreira internacional seguiu, com criações anuais para empresas italianas e o fortalecimento da pesquisa regional no Brasil.

Os Campana representam um momento de ruptura do design brasileiro. Assumindo desde o início sua vontade de aproveitar a precariedade do sistema industrial e de trabalhar com os materiais e técnicas simples, eles jogaram luz sobre o repertório regional brasileiro, mostrando que é possível abandonar a bússola viciada das tendências e manter a liberdade criativa.

Anexo 2: Press release do projeto “Fusões e Inserções”

Fonte: Estúdio Campana

Como estandartes, bastidores gigantes e suspensos no ar exibem os rostos de suas autoras na exposição Retratos Iluminados, no recém-aberto Centro de Referência do Artesanato Brasileiro, CRAB, no Rio de Janeiro. A exposição ficará de 2 de junho a 30 de julho no local.

A produção é a materialização da parceria dos irmãos Campana com o Instituto de Pesquisas em Tecnologia e Inovação (IPTI) que, através de um projeto inovador, conecta bordadeiras das comunidades de Sítios Novos, em Sergipe, e Entremontes, em Alagoas. O projeto também tem parceria com o Sebrae Nacional e com o governo do estado de Sergipe. As comunidades receberam os designers entre janeiro e julho de 2015.

A ideia de confeccionar grandes bordados com os pontos em cruz e “redendê”, que elas usam tradicionalmente em retratos, partiu dos Campana. “Quisemos colocar as bordadeiras como protagonistas e que elas mostrassem os seus rostos, como um ato afirmativo”, conta Humberto.

“Em vez dos temas tradicionais, propusemos essa mudança, como um gesto de liberdade, como que dizendo que é possível sair do habitual. E além disso, o bordado ganhou uma terceira dimensão”, diz Fernando.

Além das imagens das 35 artesãs, há um retrato de Humberto e um de Fernando. “A ideia de suspender os bordados também remete à paisagem humana que conhecemos na região do São Francisco e ao céu do interior”, diz Humberto.

A experiência com as bordadeiras foi proporcionada pelo IPTI, que desenvolve pesquisas e tecnologias sociais voltadas à economia criativa, integrando arte, ciência e tecnologia. “Viajamos pelo interior do Brasil e conhecemos várias comunidades de artesanato no percurso do rio São Francisco. Em todos os locais, sentimos a sede de fazer nas pessoas”, destaca Humberto.

“Curioso é que esse tipo de relação de pesquisa com técnicas tradicionais, como o que fizemos com as bordadeiras, nós aprendemos na Europa, conhecendo grandes mestres artesãos para aprender seus ofícios. Agora, estamos fazendo isso no Brasil e descobrindo trabalhos incríveis no país, o que nos dá um imenso prazer”,

conta Humberto. Emergir em outro compasso de tempo e conhecer modos de vida muito conectados ao trabalho manual reabastece os designers de brasiliade.

Trabalhos como esse oxigenam a dupla e mostram novas possibilidades do trabalho, com outros tipos de suporte. “É muito legal esse intercâmbio. Aprendemos muito com elas. Parceiros proporcionam inovação ao nosso trabalho”, diz Fernando.

Nesse percurso para conhecer comunidades de rendeiras e tecelãs, os Campana tiveram a oportunidade de ver os trabalhos em palha de Santa Luzia do Itanhy, a associação de renda de bilro “Trilha do Cangaço”, em Poço Redondo, no Sergipe, as tecelãs da “Associação Poço Verde”, também no Sergipe, e a associação de bordado Boa-Noite, na Ilha do Ferro, em Alagoas.

A parceria com o IPTI é uma continuidade no processo de trabalho escolhido pela dupla para o Instituto Campana. No Instituto Campana, o objetivo é conhecer e resgatar as habilidades manuais que muitas vezes estão desaparecendo. No contato com os artesãos, buscam produzir trabalhos que compartilhem técnicas e materiais, sem descaracterizar o modo de fazer tradicional, mas estimulando a liberdade de pesquisa de novas formas. “O design é essa ferramenta. Queremos resgatar a manualidade, os processos. O fazer manual é terapêutico e é oposto da velocidade do mundo de agora. Nós precisamos do tempo humano do artesanato”, afirma Humberto. “O design pode ser uma ferramenta para melhorar a vida das pessoas”, considera Fernando. Os Campana trabalham com várias ONGs, como Cooopa-roca, Orientavida, Projeto Arrastão.

“Nossa ideia é proporcionar vários tipos de experiência de troca entre designers e artesãos”, conta Renata Piazzalunga, cofundadora do IPTI e pesquisadora responsável pela linha de projetos relacionados à economia criativa no instituto. As equipes contam com designers que fazem a ponte entre os projetistas e os artesãos e os projetos acabam sendo sistematizados, documentados e viram exemplos de metodologias de abordagem para o Sebrae.

“Na parceria com os Campana, desde o começo vimos a disponibilidade e a abertura deles para um universo diferente. Foi uma oportunidade excelente para as artesãs, de valorizar toda a cadeia de produção dos bordados, com peças assinadas e destinadas a um seguimento de mercado que elas habitualmente não iriam atingir”, diz Renata.

Em sua estratégia de atuação focada no reposicionamento mercadológico do artesanato, o Sebrae vai se valer do projeto como piloto. Após sua conclusão a

entidade pretende utilizar a metodologia no atendimento aos artesãos. “Com os resultados apresentados até o momento, é possível mostrar um artesanato que mantém as técnicas tradicionais e a identidade local, porém com inovação e adequado às necessidades do mercado”, diz Maíra Fontenelle, do Sebrae.

“O projeto é uma das ações focada nessa estratégia. Seu objetivo é desenvolver uma metodologia para interação entre design e artesanato. Assim, o artesão poderá ampliar sua linha de produtos e sua rede de contatos desenvolvendo produtos mais inovadores e competitivos para alcançar novos mercados”, conclui Maíra.

“São admiráveis os frutos do trabalho desenvolvido pelo IPTI junto aos nossos artesãos. É uma parceria de suma importância para agregar modernidade e competitividade às técnicas artesanais e a todo o talento dos nossos artesãos. Dessa simbiose surgiram peças com design contemporâneo, com apelo comercial global, alto valor agregado e qualidade estética incomparável, elementos essenciais para que esses produtos tenham saída e projeção potencializadas”. Assim avalia Marta Maria de Sousa Leão Vasconcelos, secretaria de Estado da Mulher, da Inclusão e Assistência Social, do Trabalho, dos Direitos Humanos e Juventude (SEIDH) de Sergipe.

Marta conta que o Estado realiza o cadastramento e o recadastramento periódico dos artesãos sergipanos e comunidades produtivas no Sistema de Informações Cadastrais do Artesanato Brasileiro (Sicab) em parceria com o Programa de Artesanato Brasileiro (PAB). “Hoje, temos 3.205 artesãos cadastrados e dois Mestres Artesãos: Antônio Francisco da Silva, conhecido como Mestre Tonho, da Escultura em Madeira de Poço Redondo; e Alzira Alves Santos, da Renda Irlandesa de Divina Pastora. Temos, ainda, cerca de 20 associações, cooperativas e grupos cadastrados, que recebem o acompanhamento da Coordenação Estadual do Artesanato”, afirma.

“O artesanato sergipano é de uma riqueza extraordinária, com grande pluralidade de produção. Com técnicas milenares herdadas das antigas gerações, ele tem um valor imaterial incalculável”, conta Marta. “Além de constituir a identidade cultural, é transformado em fonte de renda, importante elemento de inclusão social. Por entender essa potencialidade, nos empenhamos em fomentar a produção artesanal e em valorizar os artesãos”, diz. Como produções de destaque em Sergipe, ela destaca a renda irlandesa de Divina Pastora; as rendas de bilro de Poço

Redondo; e o bordado tipo richelieu de Tobias Barreto; a cerâmica de Santana do São Francisco, Simão Dias e Itabaianinha; o artesanato em palha dos municípios de Brejo Grande, Pacatuba e Pirambu; a produção em papel do município de Cumbe; as bonecas de pano de Nossa Senhora das Dores.

IPTI - O IPTI nasceu em 2003 e está sediado ao sul da Costa dos Coqueirais, no município de Santa Luzia do Itanhy, na vila de pescadores de Castro, em Sergipe, desde 2009. É uma instituição de ciência, tecnologia e inovação, privada, sem fins lucrativos e tem como objetivo aplicar métodos técnico-científicos na resolução de problemas ligados às áreas de educação, saúde e economia criativa, por meio de uma atuação sistêmica e evolutiva e da interconexão de conhecimento entre arte, ciência e tecnologia. Em parceria com o Sebrae, já lançou outras duas coleções de trabalhos com parcerias entre designers e artesãos com o objetivo de consolidar uma metodologia de inovação para o setor do artesanato a partir não só do design, mas do aprimoramento técnico, do acesso às tecnologias e, principalmente, do direcionamento criativo e de produção guiados por um processo fundamentado em conhecimento especializado e científico.